

NOVOS RUMOS

ANO II Rio de Janeiro, semana de 5 a 11 de agosto de 1960 Nº 75
 Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Gerente — Guttemberg Cavalcanti

Brizzola Apresenta a Prova da Traição

EMBAIXADOR IANQUE FAZ ESPIONAGEM COM APOIO DE FALCÃO

A Prova do Crime

É a prova da mentira e da espionagem de Cabot: a cópia fotostática do «convênio» proposto pela Embaixada ianque ao governador Brizzola, para ser assinado entre o «Ponto IV» e a polícia riograndense. O documento prova que Brizzola disse a verdade quando afirmou que os diplomatas-espões procuram suborná-lo, para que entregasse ao FBI os arquivos da polícia política gaúcha, em troca de um programa de ajuda de um milhão de dólares. E prova que o embaixador ianque mentiu descaradamente, quando afirmou, na nota distribuída à imprensa, que o convênio proposto não envolvia qualquer entrega de fichas ou informações aos policiais do FBI. O que o país não pode tolerar, depois das provas irresponsáveis da atividade de suborno e espionagem aqui desempenhadas pelo embaixador Cabot, é que o sr. Kubitschek e o Itamarati continuem omitindo-se do problema, e não tomem a única medida capaz de dar à opinião pública nacional a reparação exigida pelas proposições da ofensa feita a ela: a pura e simples expulsão do embaixador-espão, e a denúncia dos acordos de espionagem acobertados pelo «Ponto IV». Leia completa reportagem na terceira página do primeiro caderno.

Próct no. 512-71-070 (Original)
 Agreement no. PS-2

trações e treinamento, essencial à consecução dos objetivos mencionados na Seção II, bem como o plano de financiamento serão especificados.

Outros técnicos atuarão como um pool central de especialistas para prestar assistência ao DFSP e às organizações policiais dos estados cooperantes em problemas específicos, conforme necessário e solicitado. Prestarão também assistência na criação de acadêmia Nacional de Ensino Policial e outros serviços de coordenação necessários.

B. Participantes

1. Visitas de observação nos escritórios de Secretarias Estaduais de Segurança Pública ou outros altos funcionários policiais e elementos correspondentes do DFSP.
2. Visitas de observação e estudos nos Estados Unidos dos Diretores das Escolas de Polícia estaduais e elemento correspondente do DFSP.

demonstration equipment essential to the achievement of the objectives as stated in Section II, and the financial plan will be specified.

Other technicians to serve as a central pool of specialists to assist the DFSP and the police of the cooperating states on particular problems as needed and as requested, also to assist in the establishment of the National Police Training Academy and other necessary coordinating services.

Brazilian counterparts to be assigned by the DFSP and the cooperating state police organizations to work closely with the U.S. technicians and to be available for police research and information necessary to conduct an effective cooperative program.

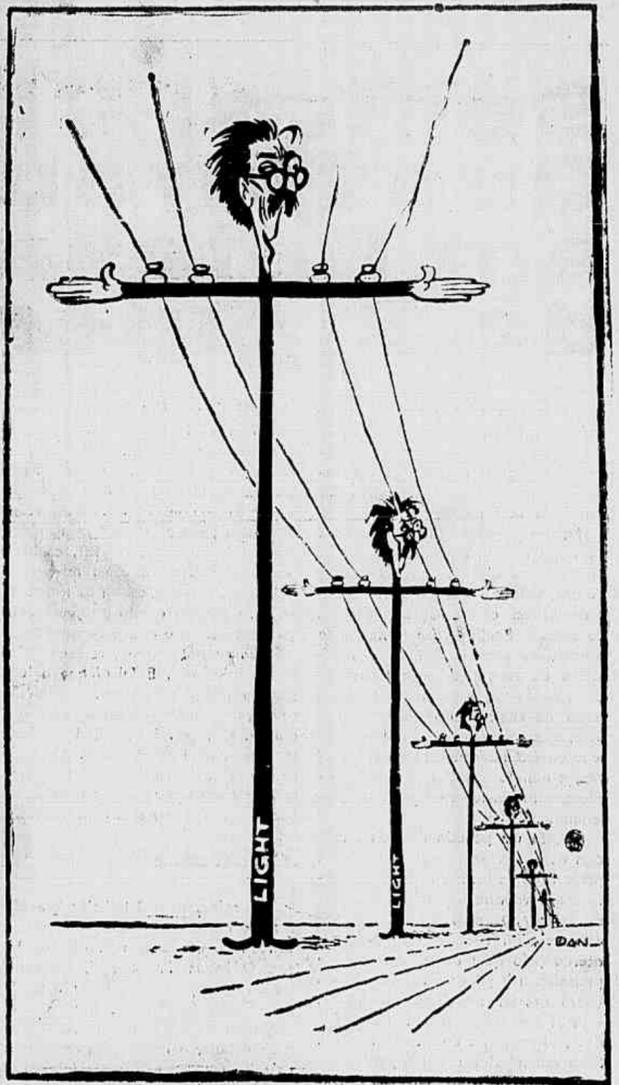
B. Participants

1. Observation visits to the U.S. for the State Secretaries of Public Security or other high ranking police officials and a comparable official from the DFSP.
2. Observation and study visits to the United States for the heads of the State Police Training Schools and comparable officials from the DFSP.

ENGANOU-SE mr. Cabot, o embaixador-espão, ao pensar que divulgando um desmentido às denúncias feitas pelo governador Brizzola: poria um ponto final na rumorosa questão que provocou a indignação popular. O governador gaúcho voltou a falar sobre o assunto reafirmando sua grave denúncia e distribuindo à imprensa fotocópia do documento que comprava mais um ato de espionagem do embaixador ianque no Brasil. Apanhado com a mão na massa, o conhecido enreguista Armando Falcão não teve outra saída senão confessar publicamente sua conivência com mais esse atentado à soberania nacional. (Texto na 3ª pag. de 1º cad.).

Encontro dos comunistas da Guanabara

NO auditório da Associação Brasileira de Imprensa realizou-se à 5 do corrente, sexta-feira, a solenidade de encerramento do Encontro dos Comunistas do Estado da Guanabara. O ato, marcado para as 20 horas, será público e para o mesmo foram convidados representantes das diferentes forças e correntes políticas.



Romano atende aos tristes:

E agora Sette?

FAZENDEIRO presidente da COFAP, o sr. Guilherme Romano cumpriu o plano prático traçado, com as empresas que controlam a produção leiteira, concedendo um aumento exagerado para os preços do leite «in natura». Submisso aos tristes norte-americanos, atendeu à sua política em prejuízo dos consumidores e dos pequenos produtores, explorados pelo industrial. E deixou mal o governador Sette Câmara, que afirmou não haver necessidade de aumento, porque o preço de Cr\$ 14,00 por litro deixava bastante margem de lucro. Mas o sr. Romano majorou em cinquenta por cento esse preço. (Reportagem na quarta página do primeiro caderno).

Alagoanos e Cearenses Solidários Com o Povo Cubano

Texto na 4ª pag. do 1º caderno



O POVO carioca está forjando nas ruas a união dos nacionalistas da Guanabara, para a vitória em 3 de outubro, em torno de Lott, Jango e Sérgio Magalhães. Na comício realizado no Méier, quarta-feira passada, cerca de 15 mil cariocas manifestaram a sua repulsa pelas tentativas de divisão dos nacionalistas da Guanabara, e demonstraram que, preservada a sua união, Jânio e Lacerda serão fragorosamente derrotados na Cidade Maravilhosa. (Leia na pag. 3).

Lacerda Não Quer Escola Para Todos

Reportagem na 1ª pag. do 2º cad.

Congresso

ORLANDO BOMFIM JR.

OS TRABALHADORES brasileiros têm revelado que sua consciência de classe se eleva e que aumenta sua força organizada. As greves gerais de Santos e de diversas cidades do Rio Grande do Sul, incluída Porto Alegre, constituíram demonstração indiscutível do que afirmamos. O significado desses movimentos não fica apenas no que expressam como unificação geral das diversas corporações operárias na luta por um mesmo fim. Esse aspecto já seria altamente importante, mas há ainda outro que se projeta com realce. É que o objetivo visado se colocava além do campo das reivindicações de resultado concreto imediato, sensível e favorável a cada trabalhador. No Rio Grande do Sul, a greve geral foi contra a carestia da vida. Em Santos, teve o sentido de solidariedade proletária, contra a injusta transferência de 31 companheiros. Foram, pois, lutas de nível mais alto. Por outro lado, são por assim dizer de todo dia as notícias sobre a crescente participação dos trabalhadores na vida política do país, cada vez mais integrados nas campanhas nacionalistas.

É DENTRO dessas condições de fortalecimento e avanço que os trabalhadores brasileiros ultimam a preparação do seu II Congresso Sindical Nacional, que será instalado no próximo dia 11. E os atos preparatórios já realizados ou em realização asseguram previamente o êxito do conclave. Além dos congressos estaduais (aliás precedidos de convenções regionais), houve reuniões nacionais dos estudantes, bancários, marítimos, portuários. O Congresso Nacional se apóia, assim, numa poderosa base de massas. Seus delegados (são esperados mais de 2.000) poderão realmente atuar como mandatários, democraticamente escolhidos, das organizações sindicais que representam.

AS RESOLUÇÕES já adotadas nas realizações preparatórias deixam entrever que os trabalhadores brasileiros irão dar um passo decisivo no caminho da organização, unidade e liberdade sindicais. Deverá corporificar-se a aspiração, já concretizada, no âmbito

local, em diversos Estados, de se estruturar um organismo central capaz de aglutinar, coordenar e dirigir as forças dos trabalhadores de todo o país. Medidas serão tomadas tendo em vista a plena autonomia das entidades sindicais, que ainda se encontram cercadas por restrições de caráter paternalista, frutos de uma época já enterrada no passado. Do tema central ainda não apenas o exame da situação econômica dos trabalhadores e da luta por melhores condições de vida, como também a tomada de posição frente aos problemas nacionais. Particular atenção merecerá o homem do campo, que vê negados até mesmo seus direitos já consagrados em lei, como é o caso do injustificável engavetamento, pelo Ministério do Trabalho, de dezenas de processos de transformação de associações de assalariados agrícolas em sindicato. Voltado para os interesses da unificação internacional das forças dos trabalhadores, o Congresso analisará as relações do movimento operário e sindical brasileiro com as entidades dos demais países.

PODE-SE, assim, afirmar que o III Congresso Sindical Nacional assinalará um ponto alto, um marco significativo, no movimento sindical brasileiro. E sua importância atingirá, sem dúvida, a nação em seu conjunto. Fortalecendo sua organização, solidificando sua unidade, afastando obstáculos antepostos à sua ação, traçando rumos precisos para suas lutas econômicas e políticas, os trabalhadores passarão a representar um papel mais decisivo nos destinos de toda a sociedade brasileira. E isso ocorre numa época em que as condições, interna como externamente, lhes são favoráveis. O Brasil avança, com um vigor que nenhum embargo poderá conter, para um futuro de independência e progresso. E no mundo, radicalmente transformado pela formação de um sistema de países socialistas, nos quais o proletariado já alcançou sua libertação social, as forças que predominam não são mais as da tirania e da exploração. Nestes novos tempos, o ex-operário mineiro Kruschiov pode puxar pela orelha o chefe do governo do mais poderoso país capitalista.

Santos: Cidade Que Parou em Defesa de 31 Operários

Com uma grande passeata realizada pelas ruas da cidade no dia 21 de julho último, os trabalhadores de Santos comemoraram a vitória do mais vigoroso movimento de solidariedade de classe até hoje realizado no Brasil. A greve, que a 1ª de julho paralisou por 24 horas toda a atividade de Santos, atingindo as cidades vizinhas de São Vicente, Cubatão e Guarujá, foi desatada em defesa de 31 operários do Moinho Paulista, que haviam sido transferidos para o Paraná. O movimento de solidariedade acabou vitorioso, dando um golpe arrasador na direção da empresa do truste Bung & Born, que pretendia liquidar com o direito de estabilidade em suas subsidiárias, e abrir o caminho para a anulação dessa tradicional conquista do proletariado.

Após um período de mais de 30 dias de luta, e sob o calor da intensa preparação de um novo movimento grevista que voltaria a paralisar a cidade de Santos não mais por 24, mas por 48 horas, foi finalmente assinado um acordo pelo qual os patrões se comprometeram a pagar a indenização em dobro dos 31 trabalhadores estáveis, e os 31 dias da greve de solidariedade dos 500 operários do Moinho Paulista. Ficou estabelecido ainda o pagamento da indenização a viúva de um operário que havia morrido no decorrer da luta. Os trabalhadores que haviam sido transferidos para Curitiba receberam, além da indenização em dobro, o pagamento de 50% correspondente aos salários dos dias que durou a greve dos seus 500 companheiros. O acordo estabelece que nenhum grevista será punido. A vitória do movimento foi total.

O golpe contra a estabilidade

Os 31 trabalhadores do Moinho Paulista, transferidos da cidade de Santos para Curitiba, eram, todos eles, homens com mais de 10 anos de casa e, portanto, com direito a estabilidade no serviço. O Moinho, querendo livrar-se deles sem lhes dar a indenização devida, transferiu-os para Curitiba. A empresa sabia de antemão que os trabalhadores não poderiam aceitar tal transferência, uma vez que a mudança significaria um transtorno completo na vida de cada um, e praticamente impossível de se realizar, a não ser que abandonassem as suas famílias.

Mas a administração do Moinho sabia disso, e esperava justamente a negativa dos trabalhadores para, então, demitir-los sem nenhum indenização, alegando causa justa. E esse golpe foi dado abertamente. O Moinho não precisava dos serviços dos 31 operários em Curitiba. O que a empresa queria era demitir-los mesmo sem nenhuma ou com o mínimo de indenização. Tanto isso era verdade que no dia seguinte a anunciada dispensa já o advogado do Moinho oferecia a cada operário uma indenização na base

de 50%, do que eles tinham direito. Mas os trabalhadores, assessorados pelo seu Sindicato, apelaram para a Justiça do Trabalho, e obtiveram ganho de causa na Junta de Conciliação e Julgamento de Santos. Os patrões apelaram para o Tribunal Regional do Trabalho. Os juizes do TRT, conhecidos em sua maioria como advogados patronais, votaram contra os trabalhadores, deixando aberto um precedente perigoso contra o direito de estabilidade de não apenas dos 31, mas de todos os trabalhadores. E foi aí que a luta assumiu novas proporções. Os líderes sindicais santistas deram o grito de alarme. O Fórum Intersindical de Santos reuniu-se imediatamente. O direito de estabilidade estava sendo violado, ameaçando uma das mais caras conquistas dos operários brasileiros.

A solidariedade

De saída, os 500 trabalhadores do Moinho Paulista entraram em greve de solidariedade aos seus 31 companheiros. O Fórum Intersindical, composto de 53 Sindicatos, encampou o movimento de solidariedade. Inúmeras assembleias sindicais foram realizadas para debater o assunto. Os comícios e as palestras nas portas das fábricas e nos locais de trabalho se multiplicavam. Os trabalhadores e o povo santista começaram a viver o drama dos 31 operários do Moinho. Na noite do dia 30 de junho o Fórum Sindical se reuniu e decidiu decretar a greve geral de 24 horas, a partir de zero hora de 1º de julho. O Fórum, em nome de 53 Sindicatos, exigia a anulação da transferência ou a indenização dos trabalhadores na forma da lei. A greve foi total. Até as casas comerciais fecharam suas portas, juntando-se ao movimento de solidariedade. Os espetáculos de arte e as provas esportivas foram suspensas. Ninguém trabalhou em Santos durante 24 horas bem contadas. Os prejuízos, segundo as autoridades municipais, foram a mais de 80 milhões de cruzeiros, mas o saldo para o movimento operário foi imensurável.

A greve foi de advertência. Os trabalhadores deram um prazo de oito dias para que se resolvesse o problema dos 31 transferidos, caso contrário uma nova paralisação, não mais de 24, mas de 48 horas, seria realizada.

Os patrões recuam

Com a paralisação total da cidade de Santos, e mediante a ameaça de uma nova greve, o panorama do litígio começou a se modificar. Os patrões, antes intransigentes, já concordavam em pagar a indenização integral aos 31 operários, mas negavam-se a abonar os dias da greve deles e dos seus companheiros do Moinho. O movimento entrou então em nova fase. Tratava-se, a partir de agora, de defender uma conquista já tradicional dos trabalha-

res brasileiros — o pagamento dos dias de greve. A luta nessa nova fase durou cerca de 15 dias.

Com o prazo de oito dias a se esgotar, encontrando-se às vésperas da greve de 48 horas, o Prefeito da cidade dirigiu-se ao Fórum, pedindo um crédito de confiança e mais oito dias para que a questão fosse solucionada. Os trabalhadores atenderam. A essa altura já estava constituída uma comissão de entendimentos, na qual se ressaltava a presença do conhecido líder sindical Oswaldo Pacheco, presidente da Federação Nacional dos Estivadores. O Prefeito, atuando como intermediário, trouxe uma proposta dos patrões, oferecendo um adiantamento para custeio dos dias de greve, mas sujeito a desconto posteriormente. A proposta foi levada a discussão em assembleia dos trabalhadores e rejeitada. As au-

toridades ministeriais, inclusive o próprio ministro do Trabalho, já encontravam-se, nesses dias, inteiramente voltados para a solução do Impasse. Uma comissão de dirigentes sindicais, encabeçada por Oswaldo Pacheco, foi eleita em assembleia para entrevistar-se com o presidente da República, que já se mostrava pessoalmente interessado na solução do movimento que empolgava a cidade de Santos e despertava a atenção dos trabalhadores de todo o país. No encontro com JK o problema foi solucionado. Não havia outro jeito. Os trabalhadores de Santos, liderados pelas suas entidades sindicais, estavam realmente dispostos a promoverem a paralisação da cidade por mais 48 horas, demonstrando a sua vigorosa solidariedade aos companheiros do Moinho Paulista, e o seu empenho em não deixar enxovalhar o direito de estabilidade.

O movimento foi unitário. Houve alguns desentendimentos na cúpula sindical. Mas as diversas facções da liderança operária tiveram de procurar o caminho do entendimento entre si, porque essa era uma exigência das massas trabalhadoras de todos os setores profissionais. Com efeito, os empregados da indústria, do comércio, dos transportes, etc., tomaram como sua a causa dos 31 do Moinho Paulista. Todos tiveram atuação destacada, mas os estivadores e portuários, com a sua fibra e velha tradição de luta, foram, inevitavelmente, o grande estereótipo histórico movimento de solidariedade.

Congresso Sindical Vai se Encerrar no Maracanãzinho

Milhares de trabalhadores de todo o país estão arrumando as suas malas para a viagem ao Estado da Guanabara, onde participará, como delegado, do III Congresso Sindical Nacional, a realizar-se de 11 a 14 do corrente nesta cidade. O conclave, a ser instalado no Teatro João Caetano, será encerrado no Estádio do Maracanãzinho, com a presença do presidente da República, sr. Juscelino Kubitschek; e do vice-presidente, sr. João Goulart. O presidente JK assumiu, com os líderes sindicais, o compromisso de sancionar nesse dia a Lei Orgânica da Previdência Social.

Delegações

Quase todas as delegações que participaram do III Congresso foram eleitas em Congressos e Convenções Regionais e trazem, cada uma delas, o resultado dos debates que contaram com a contribuição de milhares de trabalhadores. Os pernambucanos promoveram a sua convenção de 30 a 31 de julho último. Os baianos discutiram de 30 de julho a 2 de agosto os itens constantes do temário do Congresso. Os trabalhadores do Rio Grande do Sul realizaram o seu V Congresso de 5 a

6 do corrente. Os trabalhadores rurais do Paraná convocaram, por outro lado, o seu I Congresso Estadual, que será realizado em Londrina de 5 a 7 do corrente.

Congresso dos Marítimos instala-se no IAPM

O Congresso Nacional dos Trabalhadores Marítimos instala-se nesta cidade, no dia 4 do corrente, às 18 horas, no auditório do IAPM. O conclave, que reúne delegações de todo o país, será encerrado solenemente no próximo dia 7. Os marítimos debaterão as suas reivindicações e formularão o programa que será apresentado pela sua bancada no III Congresso Sindical Nacional. Na mesma oportunidade será estruturada uma comissão composta de membros da Federação Nacional dos Marítimos, Federação do Grupo de Máquinas, Federação dos Marítimos do Piauí, e da Bahia, tendo em vista a necessidade da execução, em conjunto, das decisões do Congresso.

Apoiados em 112 Conselhos de Fábrica

65 Mil Metalúrgicos Cariocas Venceram a Batalha Salarial

Reportagem de JOAO MASSENA MELO

Cerca de 65 mil trabalhadores metalúrgicos cariocas serão beneficiados com um aumento salarial de 35%. O aumento foi conquistado após uma campanha que se desenvolveu durante dois meses, contando com a participação ativa dos 112 Conselhos Sindicais de Fábrica e de milhares de metalúrgicos. A assembleia do dia 28 de julho último, que reuniu mais de 3 mil trabalhadores no Palácio do Metalúrgico, decidiu por unanimidade aceitar a proposta que lhes concede o aumento de 35% a partir de 3 de agosto corrente.

As horas que precederam a grande assembleia do dia 28 transcorreram em meio a expectativa geral dos trabalhadores. Enquanto alguns operários demonstravam o seu entusiasmo, outros traziam na face evidentes sinais de preocupação. Os patrões encarregaram-se de difundir entre os seus empregados a notícia de que haviam aceitado a contraproposta de 35%. A notícia corria de boca em boca nos locais de trabalho. Mas podia ser um golpe para impedir o comparecimento dos trabalhadores na assembleia. Falava a palavra oficial da Diretoria do Sindicato e da Comissão de Salário, por isso mesmo os metalúrgicos compareceram em massa a grande assembleia.

A unidade dos metalúrgicos

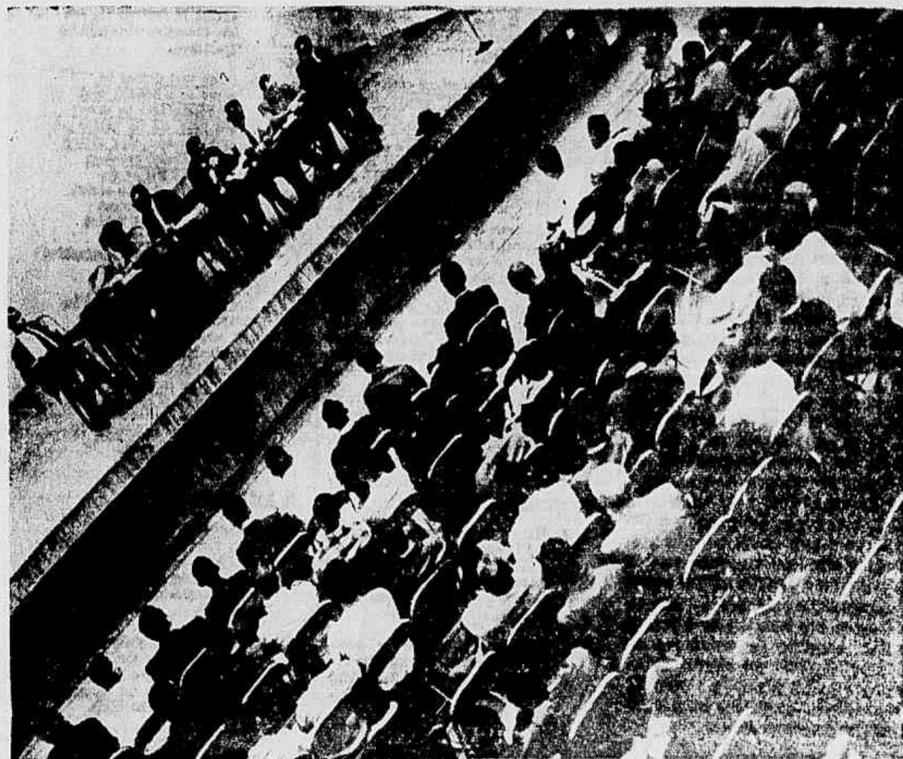
Os metalúrgicos, sob a jurisdição do Sindicato do Rio, somam cerca de 65 mil operários, distribuídos em mais de 3 mil empresas situadas no Estado da Guanabara, Caxias, São João, Nilópolis, Nova Iguaçu e Itaguaí.

O Sindicato atinge, através de seus 25 mil associados, a totalidade dos trabalhadores, contribuindo, deste modo para a elevação de seu nível associativo, de sua unidade e da elevação de sua consciência política. Nos últimos tempos, principalmente depois da inauguração da sede e das grandes campanhas salariais, como essa última, a média de recuperação de membros em atraso com a tesouraria vem aumentando continuamente. Entre os meses de março de 1959 e março de 1960, foram sindicalizados 2.800 novos sócios, numa média de 7 por dia. A partir de maio, início da recente campanha salarial, essa média passou para 15 novos sócios.

A carestia de vida, a desvalorização crescente do cruzeiro, a intensificação dos processos de produção e toda a sorte de pressão exercida pelo empregador atua de forma permanente sobre os operários tornando suas vidas insuportáveis. Durante as campanhas salariais o Sindicato desenvolve atividade mais intensa nos locais de trabalho despertando para a defesa de seus interesses imediatos e para a vida social centenas e milhares de novos operários.

Como surgem as Campanhas

O metalúrgico Eráclides Santos, secretário do Sindicato, informou à nossa reportagem que as campanhas salariais não surgem entre as paredes do Palácio do Metalúrgico, nem pela vontade desse ou daquele diretor do Sindicato. As campanhas — afirmam — nascem nas fábricas, nas grandes empresas, no murmúrio diário dos operários em suas seções de trabalho, nas grandes oficinas da General Elétrica, Hime, Fábrica Nacional de Motores, etc. Esse sentimento vai se avolumando e refletindo-se nos conselhos sindicais das fábricas. Transforma-se, mais tarde, em ponto de debate, nas reuniões mensais dos delegados das fábricas com a Diretoria do Sindicato, e começa a ganhar proporções de grande campanha.



Os metalúrgicos venceram unidos

Foi através desse processo que a 27 de maio realizou-se a primeira assembleia da recente e vitoriosa campanha salarial. A 12 de julho, ante uma proposta inaceitável (24 por cento) feita pelos patrões, foi decretada a assembleia permanente. Isto é, foi dado o toque de mobilização total dos metalúrgicos.

Os conselhos de fábrica

Os conselhos de fábrica exercem o papel decisivo para a unidade e organização dos trabalhadores nas campanhas salariais. Eles transmitem ao Sindicato, nas reuniões mensais, o estado de espírito nos locais de trabalho. O Sindicato dos metalúrgicos tem 112 conselhos organizados. Os mais combativos são os da Cia. Federal de Fundição, M. S. Lino, General Elétrica, Marvin, Hime. Destaca-se particularmente o conselho da Ferro Maleável, por suas iniciativas, sentido de organização e métodos de atuação entre dirigentes e dirigidos, revelando as vantagens que traz para a atividade dos conselhos a presença de dirigentes politicamente desenvolvidos, estudiosos, combativos e que se preocupam constantemente em ensinar e aprender com os seus companheiros.

Os delegados de fábrica que representam os operários junto à diretoria do Sindicato são democraticamente eleitos pela massa. Em geral pelo sistema de abaixo-assinado. José Lellis da Costa, secretário do sindicato e membro da Comissão de Salário, declarou à nossa reportagem que nada é feito na base individual, particularmente em se tratando de questões importantes como a luta pela conquista de aumento de salário, Diretoria e conselhos de fábrica, todos trabalham coletivamente e nisso reside a chave de nossas vitórias.

Os trabalhadores metalúrgicos cariocas participaram ativamente da campanha salarial que acabou vitoriosa, graças à sua unidade, alcançada na organização de 110 Conselhos Sindicais de Fábrica. Além de centenas pequenas assembleias nos locais de trabalho os metalúrgicos promoveram 9 assembleias monstros durante o período da campanha.

A unidade dos metalúrgicos em torno da sua diretoria e da Comissão de Salário, seu grau de preparação e disposição de luta por melhores níveis de salário e condições de vida, já demonstrado em 1957, possibilitou uma vitória relativamente rápida, evitando o dissídio ex-ofício e o pronunciamento

da Justiça. Se isso tivesse ocorrido o aumento não passaria de 24,33 por cento uma vez que a Justiça basou seus cálculos nos dados do SEPT (21,66%) e da Fundação Getúlio Vargas (27%). Os metalúrgicos conquistaram, graças à sua unidade o aumento de 35%.

Nota Sindical

O Ministro e os Sindicatos Rurais

O ministro Batista Ramos tem se revelado um homem ativo na Pasta do Trabalho, mas as suas vistas ainda não se voltaram para a velha e legítima pretensão dos trabalhadores rurais, que de todo o país vêm pleiteando o reconhecimento dos seus sindicatos, enquanto mais de 40 processos continuam a espera do despacho do ministro do Trabalho.

Os trabalhadores rurais pretendem se organizar em sindicatos, utilizando-se do direito que a lei lhes assegura, para defender as suas reivindicações e enfrentar de maneira legal e organizada as investidas dos fazendeiros e latifundiários, que transformam as suas vidas num verdadeiro inferno, obrigando-os, em alguns casos, a uma existência de escravos, onde não falta nem mesmo os castigos corporais.

Até hoje, apesar de se elevar a milhões o número de trabalhadores rurais em todo o país, e a centenas o número de suas associações, só existem cinco sindicatos devidamente legalizados em todo o território nacional. Bastaria o fato de haver o Ministério do Trabalho reconhecido a existência legal de cinco sindicatos rurais, para que se justificasse plenamente o registro dos demais.

Relacionamos esses fatos porque eles estão em flagrante contradição com as palavras do ministro Batista Ramos. Com efeito, o antigo líder do PTB na Câmara Federal, ao investir-se em sua atual função, assumiu o compromisso solene de zelar pela liberdade sindical, e de desengavetar os processos empoeirados e amarelados pela ação do tempo e pela inação da burocracia ministerial. Esses compromissos, pelo menos no que tange ao despacho dos registros dos sindicatos rurais, não foram cumpridos até hoje.

Sabe-se que o Conselho de Segurança Nacional mandara brear todos os processos de registro das entidades sindicais dos trabalhadores rurais. Esse velho fantasma do fascismo, que tem levado o Governo frequentemente ao ridículo, continua, pelo visto, a assustar o nosso atual e atribulado ministro do Trabalho, como já assustara ao seu antecessor, levando-o a cercar a liberdade de organização sindical, e a desacreditar a sua própria palavra.

O CSN, que vê na organização dos trabalhadores uma ameaça ao regime, mas que não é capaz de movimentar as suas bruxas para assustar os usineiros que se agrupam para lançar toneladas de leite ao Rio Paraíba, não há de continuar convencendo o Governo e o seu ministro do Trabalho que os cinco sindicatos rurais, alguns dos quais com mais de 10 anos de existência, tenham promovido qualquer perturbação ao regime democrático. Mas não é apenas o sr. Batista Ramos que está em falta com os seus solenes compromissos. O sr. João Goulart, presidente do PTB e vice da República, também assumiu compromisso da mesma ordem. O presidente do PTB e o seu ministro terão agora uma excelente oportunidade para saldar esse compromisso assumido na última Conferência Sindical Nacional dos Trabalhadores e em diversos outros conclaves sindicais.

Estamos às vésperas do I Congresso dos Trabalhadores Rurais do Paraná. Nenhuma outra notícia poderia, no momento, ser mais grata aos trabalhadores rurais, não só do Paraná, mas de todo o país, que aquela que desse conta da decisão ministerial mandando despachar o registro dos sindicatos rurais.

Nilson Azevedo

Artur de Azevedo

Panorama

Afastar Pio Correia, Mas Mudar a Política

A circular expedida pelo Itamarati determinando uma odiosa discriminação contra a entrada de cidadãos cubanos em nosso país não é apenas um erro de diplomacia nem constitui uma manifestação isolada de racismo...

As provocações contra o Governo cubano têm precisamente esse sentido. Quando o nosso povo manifesta seu apoio entusiástico à revolução que unctou Cuba da espoliação dos seus lanques e abriu os caminhos da liberdade...

Função particularmente vergonhosa em tudo isso é a que vem sendo desempenhada pelo sr. Pio Correia, que dirige hoje o Departamento Político do Itamarati...

Esse ato de hostilidade ao Governo de Fidel Castro — que, segundo se anuncia, foi imediatamente desaprovado pelo presidente da República — exprime, como já dissemos, a mentalidade retrógrada e entreguista que predomina ainda em nossa política exterior...

Almir Matos

BRIZZOLA APRESENTA A PROVA DA TRAIÇÃO

Embaixador Ianque Faz Espionagem Com Apoio de Falcão

Depois da publicação, pelo governador Brizola, do projeto de convênio entre a polícia gaúcha e o Ponto IV, e as declarações do ministro Falcão à imprensa carioca...

A cópia do projeto de convênio, divulgada no dia 29 em Porto Alegre, é um desmentido irrefutável no embaixador Cabot, que afirmara dois dias antes, em nota oficial distribuída à imprensa...

Caracterizados assim o suborno e a espionagem, a cargo da Embaixada e do Ponto IV, no Rio Grande do Sul, o Ministro da Justiça, em sua entrevista de segunda-feira com a imprensa, encarregou-

-se de confirmar que o caso não se limita ao Estado sulino, e que, pelo contrário, diversas polícias estaduais e o próprio Departamento Federal de Segurança Pública já foram postos a serviço do FBI...

Associação janista

Não admira, com efeito, que Falcão julgue «natural» e «sem importância» que a polícia brasileira esteja sob o controle e sob a orientação do FBI...

Outro fato esclarecedor do caráter dessa infiltração lanque no aparelho policial brasileiro está em que os dois governadores estaduais que se associaram a Falcão e Cabot nesta manobra lanque...

Preste em

Caxias

Convidado pela Câmara Municipal de Caxias, Luiz Carlos Prestes estará no próximo dia 6 naquela cidade fluminense, onde os nacionalistas e comunistas locais esperam recebê-lo com um grande comício...

Em Nova Iguaçu

No dia 10, Prestes fará um comício em outro município fluminense, Nova Iguaçu, às 19 horas, na Praça da Liberdade.

na especialmente para tratar do caso, protestando com indignação contra a tentativa lanque de suborno do governador gaúcho. Na Assembleia Estadual de Pernambuco, sob o aplauso da Casa, o deputado Pontes Vieira pronunciou um discurso de crítica enérgica ao governador Cid Sampaio...

Embora a imprensa de aluguel esteja empenhada em «matar» o escândalo com o silêncio, a denúncia de Brizola está causando a mais viva comção em todo o país.

Jânio (em Manchete) Vestiu a Casaca do Imperialismo

O «revolucionário» Jânio vestiu casaca e aceitou para todos os efeitos o freio imperialista: eis o que ressalta do discurso do amigo de Rockefeller na revista «Manchete», quinta-feira passada. Neste meio anunciado — e agora, pela imprensa entreguista, tão festejado — «pronunciamento» sobre política externa, Jânio fez questão de mostrar aos financiadores de sua campanha que, apesar da sua aparência «rebelde» e de algumas declarações demagógicas e eleitoreiras...

O «revolucionário» Jânio defende tudo o que aí está. Defende este quase secular instrumento de opressão lanque sobre a América Latina que é a Organização dos Estados Americanos. O Pacto do Rio de Janeiro, o Pacto de Bogotá e a Carta da OEA, que oficializam o domínio lanque sobre os assuntos internos e as forças armadas dos países latino-americanos, são, para ele, «as três colunas mestras do sistema continental de segurança coletiva».

Até a OPA é defendida pelo «oposicionista» Jânio. E ele a defende de uma posição ainda mais retrógrada e conciliadora do que a do presidente Kubitschek. Enquanto este insiste em reclamar dos Estados Unidos a ajuda «de governo a governo» e a mudança da política de insistência nos investimentos particulares, Jânio afirma que os investimentos de empresas imperialistas têm um papel «básico» no desenvolvimento da América Latina...

No mais, o discurso de Jânio é uma exaltação, na forma e no conteúdo, à «grande democracia norte-americana» e às palavras-de-ordem do imperialismo. Ele ainda procura salvar algumas aparências. As exigências eleitorais o obrigam a procurar sempre o estilo do «sim, mas, contudo, por outro lado, é preciso considerar que...» Mas ele se compromete de tal forma que não pode iludir ninguém.

Na questão de Cuba, por exemplo, Jânio demora-se em elogios à revolução cubana — «justo e poderoso anelo de um povo buscando a sua emancipação econômica e social». Mas quando se trata de identificar em relação a quem o povo cubano luta por emancipar-se, Jânio se acovarda por trás de elogios ainda mais demorados aos Estados Unidos e a política imperialista de Washington. E ainda condena a advertência soviética contra a intervenção lanque em Cuba...

Compare-se agora esta definição de Jânio com a posição assumida pelo marechal Lott, em diversas ocasiões, sobre a questão cubana, e tem-se a verdadeira situação de polos opostos das duas candidaturas. O candidato nacionalista, embora expondo, com franqueza, idéias errôneas sobre o governo revolucionário de Fidel Castro, não hesita em pronunciar-se enérgicamente contra a intervenção imperialista dos Estados Unidos em Cuba — e isto é o fundamental, para os nacionalistas brasileiros. Enquanto isso, Jânio elogia demagogicamente Fidel, mas confessa a sua cumplicidade com a trama lanque de utilizar a OEA para intervir em Cuba. E aí revela o seu verdadeiro papel de laçao da Light.

Povo Carioca Consagrou o Trio Nacionalista: Lott-Jango e Sérgio

O comício de Lott e Jango, quarta-feira passada, no Méier, veio derrubar os últimos hesitantes — se ainda os houvesse — quanto à grande penetração popular e às enormes possibilidades de vitória das candidaturas nacionalistas na Guanabara. Uma multidão entusiasmada, de cerca de 15 mil pessoas, apesar da propaganda deficiente feita em preparação ao comício...

Também sob o prisma da caracterização democrática e nacionalista da candidatura Lott o comício do Méier foi um completo êxito. O marechal Lott, em seu estilo de conversa simples e franca, pronunciou um discurso que agradou em cheio aos sentimentos nacionalistas da multidão. Denunciou, sem temor às palavras, as ameaças de comissões sociais e, mesmo, de guerra civil, que inevitavelmente acompanhariam as ações antipopulares e antinacionais de um governo janista. E afirmou com desassombro o caráter de agentes subvencionados pelo imperialismo lanque dos jornais que combatem o nacionalismo e a sua candidatura...

O vice-presidente João Goulart e, em nome dos comunistas, o líder popular Carlos Marighela, foram outros oradores vivamente aplaudidos pela multidão, naquele bairro

nitidamente proletário da Zona Norte carioca.

Consagração a Sérgio

Uma grande consagração à candidatura Sérgio Magalhães, para as eleições na Guanabara, foi o outro resultado significativo do comício do Méier. O atual vice-presidente da Câmara dos Deputados foi delicadamente aplaudido, à sua chegada ao palanque, e recebeu uma verdadeira ovação quando pronunciou o seu discurso, no qual afirmou o conteúdo nacionalista de sua candidatura ao governo da Guanabara — uma candidatura «contra a corrupção e contra os grupos capitalistas nacionais e estrangeiros que se enriquecem à custa do empobrecimento do país e da miséria do povo».

Também pela via sistemática aos nomes de Mendes de Moraes e Augusto do Amaral Peixoto — titular e defensor da candidatura divisionista do ex-prefeito do Distrito Federal — a multidão presen-

te ao comício do Méier demonstrou a sua compreensão da situação política na Guanabara e o seu apoio a Sérgio Magalhães. Cada referência ao candidato e ao presidente do PSD local era longamente apupada pela massa, que fazia assim — a seu modo — um apelo para a união das forças populares e nacionalistas em torno da candidatura Sérgio, pois este é o único meio certo e garantido de impor a Lacerda a esmagadora derrota que a sua candidatura reacionária e entreguista merece do povo carioca.

Comício em Realengo

O deputado Sérgio Magalhães, escorado no apoio popular que vem recebendo, está lançado a plena e intensa campanha eleitoral. No próximo dia 6, estará presente em um comício em Realengo (rua Marechal Modestino); no dia 7, falará em Guadalupe (rua Gonçalves Lima) e, no dia 13, em Santa Cruz. No dia 8, estará em um encontro com os trabalhadores em cinema, na sede do PTB.



Palmas pra Sérgio Vaia pra Mendes

As quinze mil pessoas presentes no Jardim do Méier ao apuparem o nome de Mendes de Moraes, manifestaram seu descontentamento ante a atitude divisionista da cúpula do P.S.D., quanto às eleições para o Governo do Estado

Recorde nas exportações de café

Segundo informa o Instituto Brasileiro do Café, as exportações do produto realizadas no mês de julho passado bateram todos os recordes de vendas para o exterior neste mês. Assim, por todos os portos brasileiros foram exportadas em julho 1.919.258 sacas de café, das quais 1.380.771 saíram pelo porto de Santos.

Para isso, contribuíram decisivamente os embarques para a União Soviética — os primeiros realizados em caráter oficial —, no montante de 154 mil sacas. Aliás, a título de curiosidade, convém destacar que o carregamento dessas 154 mil sacas pelo navio soviético «Tiksi» foi o maior já feito em qualquer tempo, pelo porto de Santos, em um só navio.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Afinal, com ou sem ajuda-de-custo (detalhe de importância bem secundária), segue para Lisboa a sr. Juscelino Kubitschek. Viajar é bom. No entanto os chefes de Estado não dispõem da liberdade de movimento de um simples turista. Carregam o fardo da responsabilidade, que nos aviões paga excesso de bagagem.

Nenhuma explicação convence qualquer pessoa de que indo a Lisboa e servido de co-anfitrião nas comemorações henríquias o nosso Kubitschek de Oliveira, lusitano de melo sangue, debrará de prestigiar o fascismo português. E em que oportunidade! Quando a terra começa a fugir de baixo dos vastos pés de chumbo do sr. Salazar, o primo Oliveira de JK, em centésimo grau...

Para nos envergonhar perante os democratas portugueses basta esse rufado imenso do sr. Negrão de Lima a percorrer, de joelhos,

como quem paga promessa nas galerias dos Jerónimos e no Mosteiro da Batalha, postando-se, como carpidéis, diante dos túmulos de Camões e de Cabral. Tudo para homenagear não o povo português, mas o sinistro ditador de São Bento e eventualmente para comover comandadores da rua Acre, artífice da carestia e da sonegação de secos e molhados e que no entanto, entre Natal e Ano Bom, amolecem a alma e abrem a bolsa, distribuindo costas de vinhos, castanhas e passas, a pessoas distintas e influentes.

Por quem, nesta hora, os sinos dobram? Dobram por alma de quase todos os colegas de Salazar. Dobram na Coréia do Sul por Syng Man Ree, no Japão por Kishi e na Turquia por Menderes. Esses já levaram a broca, abrindo caminho para os retardatários. E é nesta hora que JK, com ou sem ajuda-de-custo, toma o rumo do país do

Sodre, em atenção ao mais antigo dos ditadores vivos.

Com que cara ficaremos amanhã, quando os portugueses acertarem, à boa moda lusitana, suas contas com o criador do suplicio da sacristia com o sombrio tirano de castelhana?

Enfim, no Brasil, houve quem tomasse, há poucos dias, uma deliberação acertada, a respeito do fascismo português. Aludimos ao sr. Alvaro Lins, que devolveu a Grã-Cruz da Ordem de Cristo, considerando que uma condecoração de Salazar desonra. Só a aceitarla, se de novo a oferecessem mais tarde, quando Portugal fosse restituído, democraticamente a si próprio, através de constituição de um governo legítimo e representativo.

Será que teremos JK de volta, ostentando, muito risonho, alguns desses crachás salazaristas, que esfelam mas desonram?

PREÇO DO LEITE AUMENTA

Romano Atende Aos Trustes Sete Câmara Fica Mentiroso

A decisão anunciada pelo presidente da COFAP para a crise no abastecimento de leite «in natura», nesta capital, não nos surpreendeu, nem poderia surpreender aos nossos leitores. Em sua edição anterior, NOVOS RUMOS já anunciava o plano arquitetado pelo sr. Guilherme Romano e as empresas que controlam a produção leiteira e afirmava que o aumento exagerado de preço estava sendo preparado. Não obstante, o sr. Romano gritava, como em comício eleitoral, que não recuaría um milímetro e não concordaria com qualquer aumento de preço. Mas não passava de um fanfante, porque, enquanto assim gritava para o povo, pelas emissores de rádio e a imprensa, reunia-se à calada da noite, madrugada e dentro, em sua própria residência, como o faz lercifeira última, com os representantes das grandes empresas, para combinar o preço alto que iria impor. O plano foi cumprido à risca: o leite «in natura» custava Cr\$ 14,00 por litro; elevou-se esse preço para Cr\$ 24,00 e, em seguida, subiu-se o produto, com um «lock-out» previamente planejado pelos controladores da produção leiteira; depois veio o preço alto, com cinquenta por cento de aumento sobre o anterior e o argumento chapa dessas ocasiões: prestei pagar mais caro e ter o produto do que não encontré-lo para comprar. Porque, aumentado o preço, logo o leite reapareceu no mercado.

Mas, não poderia o presidente da COFAP sair dessa alternativa, aumento exagerado de preço ou falta do leite «in natura»? Claro que poderia, mas se não fosse o sr. Guilherme Romano também fazendeiro, interessado, éle próprio, numa alta moção. Não fosse o sr. Romano inca-

paz de pôr a nu a manobra das trustes norte-americanas «Food Products, Inc.», «Alpine Evaporated Cream Company» e «Universal Milk Company», principais acionistas da Nestlé, empresa que colocou suas instalações industriais em pontos estratégicos, para controlar a produção dos pequenos pecuaristas leiteiros que exploram, em seu nome, vinha pressionando a COFAP para obtenção do aumento. Como fazendeiro, o sr. Guilherme Romano pode querer justificar o aumento. Entretanto, na qualidade de presidente da COFAP, fica-lhe muito mal a explicação de que a majoração de preço decorreu de uma necessidade econômica, pois assim estará taxando de mentiroso o governador do Estado da Guanabara.

Qual o mentiroso?

No dia 22 do mês passado, quando se iniciara o «lock-out» dos controladores da produção leiteira, que terminou por deixar a cidade sem leite «in natura», até que saísse o aumento exagerado de preço, a «Agência Nacional», órgão oficial de informações do Governo, distribuiu à imprensa um pronunciamento do governador Sette Câmara, em que este pedía paciência à população carioca e prometia a resistência do Governo, acentuando que é preciso que o povo ofereça a sua contribuição, resistindo à ganância.

Em outro trecho de seu pronunciamento, dizia o governador do Estado: «Acho uma monstruosidade o preço que se quer, pois conheço bem o problema e tenho sido informado por alguns produtores de que o preço é já bastante margem de lucro.» E mais adiante, para que não se puzesse em dúvida a sua palavra, salien-

tava: «Reafirmo que eles não têm necessidade do aumento». Finalmente, afirmava o sr. Sette Câmara: «Conto com a colaboração do povo e da imprensa, a fim de que possamos vencer esta luta.»

E contou. O povo resistiu, sofreu longos dias a falta de leite. E agora? O presidente da COFAP concedeu o exagerado aumento do preço. E afirma que se convenceu de que o preço anterior já não deixava lucro. Quem é o mentiroso? O sr. Guilherme Romano ou o governador Sette Câmara.

Explorados os pequenos produtores

Geralmente os pedidos de aumento são feitos pelas grandes empresas em nome dos pequenos produtores que, em verdade, são explorados pelos industriais do leite. Chegou a anunciar-se, para convencer o povo da necessidade do aumento, que os produtores já estavam recebendo muito mais das indústrias, pelo seu produto, do que das empresas distribuidoras do leite para consumo «in natura». Ocorre, entretanto, que essas manobras de preço surgem sempre no período de entressafra chamado o período da seca, que vai de meados de julho a meados de novembro, quando o leite é escasso e os industriais não podem impor preço infimo aos pequenos produtores, uma vez que o consumo dos grandes centros pode absorver a produção. Mas no período da safra, chamado período das águas, quando a produção é abundante, a indústria é que fixa o preço que quer para o leite. Desprotegidos, sem amparo oficial, sem meios para aproveitar sua produção, entregam-no

a Nestlé e demais fábricas de leite em pó, e outros produtos industrializados.

A própria portaria da COFAP fixa um preço mais alto ao produtor, para o leite de quota destinada ao consumo «in natura», e um preço mais baixo a ser pago pelos industriais. Na portaria anterior, que fixava o preço de Cr\$ 8,00 ao produtor, para o produto destinado ao consumo «in natura», o presidente da COFAP resolveu, no artigo 2º, «estabelecer como preços de venda para o excesso de quota de leite destinado ao consumo «in natura», aproveitado para outros fins, por litro de leite integral, do produtor ao interessado, de Cr\$ 5,00 até Cr\$ 8,00.» Esse interessado aí é a indústria, principalmente a indústria de leite em pó.

E nem mesmo esse preço menor fixado prevalece, porque os industriais argumentam que a COFAP não tem atribuição para estabelecer preço mínimo. Realmente, cabe à Comissão de Financiamento da Produção, do Ministério da Fazenda, fixar preços mínimos para a produção. Ocorre, porém, que essa comissão quando fixa o mínimo obriga o Governo a garantir esse preço. E como o leite é produto perecível, de curta duração, o preço mínimo somente poderia ser garantido se o Governo, através do Ministério da Agricultura, dispusesse de instalações industriais para adquirir o leite e aproveitá-lo industrialmente, transformando-o em leite em pó ou em outros produtos. Se essa política fosse realizada, o Governo ampararia os produtores que, livres da exploração das indústrias particulares, teriam um preço mínimo no período da safra, quando o leite é abundante, e não haveria necessidade de um preço bem mais alto no período de entressafra, quando o produto é escasso. E é precisamente nesse período que se fixa o preço alto, que permanecerá para o consumidor no período das iguês e se reduz para os industriais.

Não estamos descobrindo a pólvora, os técnicos do Governo sabem disso. Mas os trustes norte-americanos impedem essa política. Isto levaria o país a tornar-se auto-suficiente na produção de leite em pó e deixaríamos de adquirir o produto norte-americano aqui

fabricado pela Nestlé ou importado dos Estados Unidos, às toneladas. E, por um acordo entre governos, firmado durante o Governo udenista do sr. Café Filho e do general Juarez Távora, o Brasil ficou obrigado a adquirir parte dos excedentes da produção agropecuária norte-americana. E, de vez em quando, temos de importar leite em pó dos Estados Unidos. Os trustes que estão funcionando na zona da Pecuária Leiteira, controlam a produção do leite industrializado, para que não deixemos de importar, e aumentam, ainda, os seus lucros em nosso país, com o aumento exagerado do que produzem no Brasil. O aumento exagerado do leite «in natura» visa, também, a não deixar muito distanciados os preços desse produto e do leite em pó, para que não se reduzam as vendas feitas pelos industriais.

Para deixar intoxicados os altos lucros da Nestlé, o sr. Guilherme Romano, mesmo durante o período de falta de leite «in natura», não requisiu qualquer quantidade de leite em pó para distribuição ao povo pelo preço de custo, o que poderia fazer, nos termos da lei de intervenção no domínio econômico, de que a COFAP é órgão de execução.

Índios Americanos Contra Eisenhower («Bola de Golfe»)

Por um desses cochilos que de vez em quando acontecem, «O Globo», jornal 100% entreguista e «occidental-cristão», publicou na 1ª página do 2º caderno de sua edição de 25-7-60 uma nota que revela muita coisa interessante. Em primeiro lugar, mostra a situação de miséria a que estão submetidas as minorias raciais, principalmente negros, hispano-americanos e índios, no «paraíso» de Eisenhower. Diz a nota, que transcrevemos na íntegra para deleite dos leitores:

«Os peles-vermelhas da tribo dos Seminolas, que vivem no sul da Flórida, estão causando uma pequena perturbação de natureza política. A coisa começou na Alemanha Oriental, onde os comunistas alegaram que os índios

eram maltratados nos Estados Unidos, especialmente os Seminolas. Uma emissora de TV da Alemanha Ocidental enviou então à Flórida uma equipe para fazer um filme documentário mostrando que os comunistas estavam propagando mentiras, como de costume.

Acontece porém que os Seminolas se negaram a cooperar para o preparo do filme. O chefe Tigre-Búfalo disse: «Os E.U.A. violaram os tratados que tinham conosco. Prometeram-nos terras que não recebemos. É uma burla que vem durando há anos. Já não reconhecemos o Governo de Washington.»

Até o momento, o Presidente Eisenhower, conhecido entre os índios como Grande Chefe Bola de Golfe, não interveio no caso».

Cearenses Solidários Com a Revolução Cubana



FORTALEZA (Do Correspondente) — Teve lugar no dia 26 p. passado, no recinto de Assembléia Legislativa Estadual, um ato público comemorativo da Revolução Cubana e de solidariedade a Fidel Castro e a seu valoroso povo.

Promovido pelo Centro Acadêmico Clávis Bevilacqua, da Faculdade de Direito do Ceará, o ato contou com a presença dos líderes universitários e secundaristas de Fortaleza. Os trabalhos foram presididos pelo próprio presidente de Assembléia Legislativa, deputado Abelardo Costa Lima, participando ainda de Mesa os deputados Pontes Neto e Aquiles Peres Melo, o desembargador Daniel Lopes e o presidente do Centro Clávis Bevilacqua, acadêmico Leorne Menezes Belem de Holanda.

Fizeram-se ouvir, exaltando a Revolução Cubana e a figura de Fidel Castro, os seguintes oradores: deputado Pontes Neto, desembargador Daniel Lopes, acadêmico Luiz Mandolino, pela Faculdade de Direito; e o deputado Abelardo Costa Lima, presidente da Assembléia Legislativa do Ceará.

O recinto da Assembléia Legislativa ficou literalmente cheio de estudantes, operários e populares.

A solenidade revestiu-se de invulgar entusiasmo, sendo os oradores delirantemente aplaudidos toda vez que prestavam solidariedade a Cuba, condenavam a covarde ameaça de agressão do imperialismo norte-americano contra a Revolução chefiada por Fidel Castro.

Durante o ato foi instalada a Comissão Cearense de Solidariedade à Revolução Cubana.

Personalidades apóiam Cuba

As ato de solidariedade à revolução cubana compareceram inúmeras personalidades, entre as quais (foto) o deputado Pontes Neto, acadêmico Leorne Menezes, deputado Abelardo Costa Lima (presidente da Assembléia Legislativa do Ceará) e o Desembargador Daniel Lopes.

Carta do Sertão

Istado da Guanabara, quatro do mês d'agosto. Cumpade Chico Jurema, Barriguda-do-Só-posto.

Vem aí três de outubro o dia de se votá. Nós já tamo decididos: tem home e não partido, esse home é o Marechá.

Marechá Texeira Lote minero, honrado e valente! Desses outros candidatos fic é munto deferente, 35 outo vé o dinheiro... o Marechá vé a gente.

Pra Governo desse Istado temo quatro candidato: Tenoro, Mende e Lacerda, o lião, a bola e o gato! Tudo contra um brasileiro: doutô Serjo, esse ingenheiro humilde, justo e pacato.

Pernambucano de fé! E' mano de Agamenon, Farinha do mermo sacó e nota do mermo tom.

Tenoro fez um comiço aqui na santa-cruzada. Pressa festa, meu rumpapé, véi tôda rapaziada!

Véi o Pédo-faca-nua, Tira-teima e Bacurín, Ze-canela, Baourau, Mané-conga, Ploapau, o Piaçaba, o Saquim.

Lacerda fala prus rico, pra gente qui sabe lé. Os comiço qu'ele faz num vale a pena se vé. Só pode intrá de gravata fazendo o qui vai fazé.

Sou Mende num vai té voto mas, dos três é o mió. Im vez de fazé escola fez campo de futibó. Desses quatro cidadáio o Serjo tem rezão... o resto todo é faró!

Pode respotá a carta avisando a sua gente, Serjo pra Governadô e Lote pra Presidente.



ATÉ A CEPAL RECONHECE

Estagnação Econômica na América Latina

A população na América Latina continua a crescer com uma taxa superior ao aumento da produção — tal é a grave conclusão a que chegou o «Estudo Econômico para a América Latina, 1959», que vem de ser elaborado pela CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina, das Nações Unidas). Em números, o documento da CEPAL, que foi divulgado há alguns dias, informa que enquanto a taxa de crescimento demográfico na América Latina foi de 2,6 por cento, no ano passado, o produto interno bruto aumentou de apenas 2,9 por cento, ao passo que a renda nacional incrementou-se em somente 1,2 por cento. Comparando os mencionados aumentos da economia (adverte a CEPAL que se trata de estimativas, sujeitas a reificação) com o aumento da população, o estudo revela que por habitante o produto interno bruto aumentou em apenas 0,3 por cento, e o quente é renda nacional por habitante caiu em 1,4 por cento.

Que indicam tais números? Significam que a economia latino-americana está marcando passo, ou regredindo; uma vez que a debilidade do seu desenvolvimento econômico é uma tendência observada desde 1955 (exceção feita ao ano de 1957, em consequência da crise de Suez), como assinala o Estudo da CEPAL.

Esse quadro de estagnação e regressão contrasta com o que se observa mesmo em alguns países de capitalismo avançado, já sem mencionar o imenso florescimento econômico dos países socialistas.

Causas

O Estudo da CEPAL aponta como causas determinantes da estagnação e regressão econômica da América Latina «uma nova deterioração da relação de preços de intercâmbio» e «uma menor produção agrícola de consumo por habitante». O aumento da fome e da miséria na América Latina teriam que ser a consequência desse quadro sombrio, a que o estudo faz referência como «o aguçamento das tensões econômicas e sociais».

No que se refere à determinação das relações de troca (quando nos preços dos nossos produtos de exportação e manutenção ou alta dos preços dos produtos que importamos), estima o Estu-

do que o preço médio ponderado dos 17 principais produtos latino-americanos sofreu uma queda de 8,4 por cento em 1959, relativamente a 1958, ano em que baixa idêntica fora observada em relação a 1957.

A queda de preços afetou sobretudo os três principais produtos da América Latina — petróleo, café e açúcar —, que compõem mais de 30 por cento das nossas exportações. Em relação a esses três produtos, a queda foi muito maior que a média referida.

Beco sem saída

A falta de perspectiva da América Latina, desde que continua presa por grilhões econômicos às metrópoles imperialistas, é patenteada pelo seguinte fato destacado pelo estudo: «Em 1958, o descenso das preços dos produtos primários podia ser relacionado, pelo menos em parte, com a recessão temporária da economia norte-americana e com o menor dinamismo do crescimento da Europa Ocidental. Desta vez, pelo contrário, a depressão adicional dos mercados coincidiu com uma vigorosa recuperação da atividade industrial, tanto nos Estados Unidos como na Europa e com um aumento na demanda de produtos importados.»

Que significa isto? Que mesmo nas condições econômicas «mais favoráveis», quando não se pode argumentar com as crises, nem com a falta de procura dos produtos, mesmo nesta situação permanece inatável e destino a que o imperialismo condenou os nossos povos: a estagnação e o atraso. Ou, usando as palavras de documento da CEPAL, permanece «a tendência a um debilitamento crônico dos mercados de produtos primários».

Na agricultura

Também no que se refere à produção agropecuária, registrou-se em 1959 um aumento de apenas 1,9 por cento em relação a 1958 e ainda assim e maior aumento foi na produção destinada à exportação. Enquanto esta cresceu de 2,2 por cento, a produção para o consumo interno aumentou somente de 1,7 por cento. Comparada esta percentagem ao crescimento da população, a conclusão inevitável é que aumentaram a fome e a miséria entre os povos latino-

O Militarismo Ameaça a Paz

Está nas bancas e livrarias o nº 6 da revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO correspondente ao mês de junho. «A dialética do militarismo», de Y. Arbatov, é um dos artigos que aparecem nesse número. Nêle o seu autor estuda as consequências políticas da descoberta das armas de extermínio em massa, acentuando a necessidade de ser intensificada em todo o mundo a luta pela paz. Em outro artigo, P. Peters mostra, através de fatos e uma sólida argumentação, a ameaça que representa o militarismo alemão para a paz, sobretudo na Europa Ocidental.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO publica vários outros trabalhos do maior interesse, como o de Hector Agosti — «Problemas ideológicos da atualidade argentina» — e Ali Yata — «O Partido Comunista Marroquino cumprirá o seu dever?».

Além destes, outros trabalhos e as seções habituais aparecem no último número dessa revista marxista.

Adquira nas bancas e livrarias o seu exemplar de

Problemas da Paz e do Socialismo

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DA ASSEMBLEIA, 34 SALA 304 RIO — ESTADO DA GUANABARA

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragton Borges

REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini.

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, 5/1712 — Tel: 42-7844
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 8º andar S/805

SUCURSAL DE S. PAULO
Rua José Bonifácio, 29 — 10º andar — S/ 103
Tel: 37-52 64
Funderço telegráfico — «NOVOSEUMOS»

ASSINATURAS
Anual Cr\$ 250,00
Semestral > 130,00
Trimestral > 70,00

Aérea anual, mais Cr\$ 100,00; semestral, Cr\$ 50,00; trimestral, Cr\$ 30,00.
Número avulso Cr\$ 5,00
Número atrasado > 8,00

Euclides da Cunha Escritor Revolucionário

HOMERO PINHEIRO

Euclides da Cunha nasceu a 20 de janeiro de 1866 em Santa Rita do Rio Negro, município de Cantagalo da então Província do Rio de Janeiro, e morreu, assassinado, a 15 de agosto de 1909, no Rio de Janeiro, com quarenta e três anos de idade. Frequentou a Escola Militar da Praia Vermelha e concluiu o curso da Escola Superior de Guerra. Foi promovido em janeiro de 1892 ao posto de 1.º tenente da arma de infantaria e abandonou em 1896, para onde tinha sido reconduzido em 1889, a carreira das armas, no posto de capitão, dedicando-se à engenharia civil, Republicano autêntico — pois que «o republicano brasileiro deve ser forçosamente revolucionário» — marcou com dois episódios sua repugnância à monarquia escravocrata e aos seus cortesãos: o sabre atirado aos pés do ministro da guerra Tomás Coelho, durante a visita deste à Escola Militar, reduto das agitações republicanas de então, e a participação na Campanha de Canudos, o grande equívoco revelador de novos rumos, em que do criminoso extermínio de seus combatentes se redimiria em 1902 com a publicação da obra «Os Sertões» — marco singular do realismo socialista na literatura brasileira. Euclides da Cunha experimentou com esta obra a dolorosa decepção por que ainda passam os escritores novos, mas não domesticáveis, que são impedidos por todos os meios a dar curso às suas idéias, enquanto mediocridades carnavalescas encontram sempre um jornal, uma revista ou uma editora que abrigue sua indigência cultural, sempre a serviço da reação. Um ano antes — em 1.º de

maio de 1901 — é por ele fundada uma agremiação socialista com a denominação de «Clube Internacional Filhos do Trabalho», cujo caráter revolucionário, para sua tão conturbada época, indica a perspectiva avançada de seu pensamento. Foi o primeiro escritor marxista do Brasil, em que pesem as influências negativas que exerceram sobre seu pensamento as doutrinas há muito superadas de Gumplowicz, Buckle, Huxley, Martius e Taine, para citar os principais, — que o impediram de apreciar a História, em geral, e a nossa, em particular, como um processo contraditório em que as grandes massas intervêm na correlação instável entre o caráter estático das relações de produção e o dinâmico das forças produtivas. Em uma palavra: a história das massas e de suas lutas. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico e da Academia de Letras, na qual ocupava a cadeira que tinha Castro Alves como patrono, sucedendo a Valentim de Magalhães, e foi incumbido pelo Barão do Rio Branco de importantes comissões do Ministério das Relações Exteriores. Sua intensa atividade literária — em que pesem dificuldades de toda a ordem que lhe foram impostas — premiaria, ainda, as letras pátrias com as obras «Peru versus Bolívia» (1906), «Contrastes e Confrontos» (1907), «À margem da História» (1909), «Canudos, diário de uma expedição» (edição póstuma) e um sem-número de artigos, conferências, relatórios e inéditos, todos de inestimável valor. A 14 de julho de 1909 assumia a cátedra de Lógica do Ginásio Nacional — que disputara

com Farias Brito — e a 21 do mesmo mês pronunciava sua aula inaugural. Pouco tempo duraria a trajetória dessa vida atribulada e dramática, interrompida pelo cadete Dilermano, cuja notoriedade foi a de ter apagado um Sol com um tiro de revólver...

O que a figura invulgar de Euclides da Cunha ainda poderia produzir não é mister conjecturar, mas o que o imortalizou, antes que o fardão acadêmico, foi a honestidade e o desassombro com que o intelectual consequente e despidido de teatralidade, tratava dos problemas de sua terra e de seu povo — não com o artificialismo sibilino das formulações estrepitosas mas inoperantes, que sempre foram o «elixir da longa vida» do nosso atraso progressivo — mas submetendo-os à «réplica inflexível dos fatos», para que o idealismo das convicções viesse sempre acompanhado pelo materialismo das realizações. Assistiu, em toda a sua extensão e profundidade, ao abandono em que jaziam as grandes massas sertanejas, corroidas pela miséria e pela ignorância, vítimas do fanatismo e da superstição, sacudidas e arrebanhadas pela pregação dos curas e as ameaças dos coronéis. Este sublime oúrive da frase, integrado no seu tempo, transmitiu à sua geração à posteridade a mensagem angustiante das multidões famintas e nuas, espavoridas e sem rumo, como uma extensa mortalha cor-de-rosa a riqueza do solo, em que a felicidade de poucos custa a desgraça de muitos. Mas, promiscuos com a aflição, continuam desfilar-se pelos sertões homens, mulheres, velhos e crianças, nossos irmãos, perseguindo miragens à sombra ameaçadora dos abutres insaciáveis, plantando cruzes sobre os que sucumbem nas caminhadas sem fim.

Ninguém mais que Euclides da Cunha amou sua terra e sua gente e ninguém antes dele descobriu e interpretou a alma sertaneja, há séculos acossada pela agressividade implacável da natureza, pelo espectro negro da fome e pelo sítio das endemias mortais.

Certo dia, estas multidões, preças fáceis da obstinação e do sacrifício, cristalizaram em um sertanejo místico e exótico, suas misérias, suas angústias e suas cóleras — Antônio Conselheiro, que vergastado por largos anos de suplícios, nomadismo e penitências lhes prometera a paz e a salvação. Atrás deste errante fantasma de fisionomia desmanchada num aluvião de barba e de cabelos longos em desalinho, ocultando seu esquálido corpo num camisolão azul em desmaio e empunhando um ca-



jado, serpenteavam multidões magnetizadas, não por seus olhos, há muito recolhidos às órbitas profundas, mas pelo contagiante exemplo de sua solidariedade.

A República, atordoada e vacilante, dava seus primeiros passos na demolição da velha economia escravocrata, que arrimava um Império em franca e irreversível decomposição, malgrado o esforço de Ouro Preto, quando anunciava o «remédio heróico» das reformas. A par das inúmeras providências administrativas, outras de caráter repressivo se tornavam necessárias, em vista das constantes ameaças e assaltos ao novo poder por parte daqueles que a todo custo pretendiam restaurar a velha ordem em novos moldes. A revolução federalista e a revolta da esquadra chocaram-se com a ação implacável do Marechal de Ferro. Subindo ao governo da República em 1894, Prudente de Moraes enfrenta a insurreição de Canudos que se iniciara com o choque de Massete, em 1893, em vir-

tude de Antônio Conselheiro tentando o povo queimar os editais da Câmara Municipal, que recebia do poder republicano a atribuição de cobrar impostos. Este episódio levava o eremita a conduzir sua gente para um lugar mais seguro — e ninguém melhor do que ele poderia fazê-lo — e escolheu Canudos: um arruado quase deserto onde, há muito, se levantara uma casa-grande de fazenda pertencente a abastado criador de gado, da qual só restavam ruínas. Em pouco tempo Canudos cresceu em todas as direções nos limites da grande curva do Vasa-Barris. A atividade era febril e a vigilância armada desencorajava qualquer aventura de fora para dentro, enquanto bandos de malfeitores com os seus assaltos traziam os povoados vizinhos em constante pânico, retornando com os seus troféus à cidadela inexpugnável. Proliferavam os protestos às autoridades contra a impunidade dos jagunços, protestos estes que, pouco tempo depois, fariam

eco nos meios republicanos. A imprensa intoxicada pelo clima reinante, veiculou notícias infundadas sobre o caráter político-militar de Tróia sertaneja: Canudos seria o reduto dos restauradores. Republicano histórico, embora, Euclides da Cunha por um sentido de coerência política, seria mais um fiel combatente na luta pela sobrevivência da República — em que pese seu desapontamento com a bitola estreita do novo regime. Impressionou-se também com o fogo fátuo restaurador que se desprendia daquele vulcão em erupção avassaladora. Partiu, em agosto de 1897, como correspondente do jornal «O Estado de São Paulo», para o teatro da luta, este desbravador pioneiro da nossa nacionalidade acompanhando as forças do Exército que — segundo supunham — afastariam para sempre a sombra que cobria de incertezas o barrete frígido da nascente República. Mas aquilo que parecia ter mais um caráter de ação policial transformou-se em um verdadeiro desastre militar: os guerrilheiros de heresia, bem entrincheirados e municiados, dizimavam milhares de soldados das forças republicanas, levando o pânico não só às tropas recrutadas para novos assaltos, como a todos quanto acompanhavam o desenrolar da luta que julgavam decisiva para os destinos do regime. A custa de ingentes sacrifícios, foi-se apertando o cerco em torno do bastião indomável, que resistia com redobrada fúria em terreno, que tanto se cederava nos requintes de um castigo, quanto abrigava os labirintos de uma salvação. O ódio zoológico dos atacantes levava ao colapso a resistência dos defensores de Canudos: a degola dos prisioneiros, o incêndio das capturas, consumindo os corpos flagelados de mulheres, crianças, velhos e combatentes feridos, o canhoneio e as dinamitações demolindo os últimos vestígios das igrejas que Antônio Conselheiro mandara construir. Descobriram-lhe o cadáver e um facão cumpriria a sua última tarefa macabra: decapitaram-no.

Canudos clamava por vingança, e esta não se fez esperar: Euclides da Cunha que presenciara a todos os lances dramáticos da luta — e interpretara em toda sua plenitude a grandeza comovedora da alma sertaneja, lançaria o «livro vingador» — «Os Sertões», este poema de heroísmo e de brutalidade. Da Campanha de Canudos havia mais desgraças a reparar e erros a corrigir que vitórias a exaltar. Os efeitos não respondiam pelas causas alegadas. A ânsia de justificar um crime tão revoltante, perpetrado por uma legalidade ainda prismática e movevida, não resistiu ao clamor da consciência nacional, desagravada pelo patriotismo militante de um intelectual integrado no novo sentido da Cultura, que deu início à tarefa ciclópica de reelaborar a nossa História

DIÁLOGO BRASIL-URSS

Boa idéia teve Nestor de Holanda levando perguntas brasileiras para serem respondidas pelos soviéticos, já que ele, autor, ia a Moscou e como bom viajante pretendia depois publicar um livro. O resultado: deu-nos um livro de viagem inteiramente original.

Nestor de Holanda não precisava dizer no seu prefácio que o livro não é contrário nem favorável ao comunismo. Está na cara que como jornalista ele quis fazer um livro de jornalista e o conseguiu plenamente, tendo tido também um bruto trabalho para organizar cento e sessenta e cinco esclarecimentos. E' sobretudo um livro honesto.

Por muito que se conheça a URSS, por muito que tenhamos lido, visto e sentido o crescer e florescer da pátria do proletariado, o livro de Nestor é daqueles que se lê, cuja leitura fica presa na gente, se bem que aqui e ali as perguntas brasileiras sejam de doer. Cretinismos. Como esta de Plínio Salgado (ainda vive, sim senhores!): — «Pode alguém fazer um comício na praça do Kremlin contra o regime soviético?» A resposta dada por Lordkipanidze, deputado soviético, é ótima: — Não. De maneira alguma. Seria uma temeridade. Passa muita gente pela praça do Kremlin. Se surgisse um orador, ali, a discursar contra o regime, o povo acabaria com o orador...

Podem divergir de algumas respostas também, mas o tom geral do livro é ótimo. O caricaturista brasileiro — Claudius Ceccon pergunta: — «Quais os assuntos que você não pode desenhar?» Responde um caricaturista soviético: — «Aqueles que a própria consciência me proíbe».

Não vou contar aqui o livro de Nestor de Holanda: o volume está nas livrarias, merece ser comprado, discorde apenas da forma que deu à grafia de palavras russas. Kremlin aparece Crellim, Gorki vira Gorque e isso atrapalha um pouco a gente. Mestre Antenor Nascentes consultado pelo autor se podia mexer na grafia aportuguesando tudo (crelo que não aportuguesaste nada, amigo Nestor) foi contra. Realmente Gorki por exemplo, é um tão velho amigo nosso que sofrermos transformarse em Gorque porque Nestor acha que não temos «k» no nosso alfabeto.

Em todo caso, o livro de Nestor de Holanda merece amor, leitura, divulgação. E', como eu disse, um livro honesto. E olhem que a honestidade anda rara por aí. Está quase como a água. Dificillima.



Tópicos Típicos

De algum tempo para cá, o Paulo Francis vem badalando com maior desenvoltura. Primeiro, foi a «revisão» do Arena, quando o agitado crítico chegou à conclusão de que bom mesmo era ele, Francis, o resto da humanidade apenas razoável. Agora, é o caso de «A mais-valia vai acabar, seu Edgars, de Oduvaldo Vianna Filho, onde o Francis descobre que o seu marxismo é muito superior ao do autor. Como se vê, o rapaz é generoso consigo mesmo».

No «Jornal do Brasil» de 26-7-60, o Chermont de Brito ergue aos céus esta sílaba comove: «Senhor, livrai-nos do comunismo!» Acreditamos que Chermont perde seu tempo. Segundo Kruschov, Deus é hoje, inequivocamente, um simpaticante das esquerdas.

Ainda no «Jornal do Brasil» no suplemento de sábado último o José J. Veiga escreve a respeito de «frifros», coisa que nem ele sabe bem o que seja. Os frifros têm perturbado o sono do autor:

«...vira-se na cama de noite e sente-se alguma coisa nos machucando: passa-se a mão, é um frifro que foi parar debaixo do lençol não se sabe como».

Estamos a ver o J. J. Veiga protestando: — Sai daí, frifro assanhado!

E o Nelson Coelho pergunta, no mesmo suplemento: Mas o que é Zen? E responde: Zen, do japonês zazen, sentar-se e meditar. Cuidado, Nelson, não vá sentar num frifro.

Na «Revista da Televisão» dessa semana, diz Salviano Cavalcanti de Paiva: «o sentido de QUANDO VOAM AS CEGONHAS é cosmopolita, ecletista, decadente, reformista, demagógico, e seu diretor Calatovoz faz parte da canalha de cineastas soviéticos».

Por ética jornalística, os comentários ficam a cargo dos nossos leitores.

Falar de Ibrahim Sued nessa coluna pode parecer sacrilégio, mas acontece que o homem resolveu falar de um assunto sério. E como o indigitado Ibrahim nunca jogou em time de sério, quando resolveu falar de Louis Armstrong só podia dar em bobagem. Sendo tão esperto quanto ignorante, nosso «sociólogo», para não dizer besteira, juntou algumas capas de discos e meteu lá uma meia dúzia de informações sobre o ambiente de jazz nos Estados Unidos e sobre a vida de Satchmo. Val daí, na hora de copiar, a «rica personalidade» do P: ahim se manifestou. Como não conhece coisíssima alguma de jazz, Ibrahim em vez de ler Bunk Johnson, uma das maiores figuras da música popular americana de todos os tempos, não titubeou e sapicou Buck Jones, que, enquanto viveu pelos menos, só tocava um instrumento, o cavalo que montava nos filmes de char-west.



PAINEL DE MARYSIA

A jovem pintora Marysia P. Gregglo acaba de executar um painel (óleo sobre tela) para a sala da diretoria da nova sede da Cia. de Seg. Mar. e Ter. Lloyd Sul Am.

e Lloyd Ind. Sul Am. de Seg. Ger. S. A., à rua 24 de Maio, em São Paulo, projeto do arquiteto Rubens Gil de Camillo. Marysia, que é sobrinha de Cândido Portinari, nasceu em Aracatuba em 1937 e morou durante muitos anos em São Paulo, onde estudou desenho com o prof. Waldemar da Costa, no Museu de Arte. Atualmente reside no Rio. No clichê um detalhe do painel.

rou durante muitos anos em São Paulo, onde estudou desenho com o prof. Waldemar da Costa, no Museu de Arte. Atualmente reside no Rio. No clichê um detalhe do painel.

PARANÁ:

Entusiasmo Popular na Visita de d. Edna

O entusiasmo popular que cercou a visita de D. Edna Lott a Curitiba, foi tão grande que deixou surpresos e desarmados os próprios responsáveis pelo programa da filha do candidato nacionalista na capital paranaense. Viu-se isso logo após a chegada de D. Edna, durante a entrevista à imprensa concedida por ela, às 18 horas do dia 21. Enquanto transcorria a conversa com os jornalistas, na sede do Comitê Nacionalista, uma grande multidão se reunia em frente à sede, na Avenida João Pessoa, espontaneamente atraída pelo nome já popular de D. Edna. Aquela multidão entusiasta, contudo, «não estava no programa», e durante algum tempo, os dirigentes do Comitê Nacionalista ficaram confusos e hesitantes, sem saber o que fazer com ela. Foi preciso a iniciativa de um hábil jornalista local, Altair Astar Raymundo, que jogou um alto-falante para a rua e passou o microfone

a D. Edna, para que a multidão tivesse o comício que queria.

Confiança no nacionalismo

Tanto nessas rápidas palavras dirigidas ao povo como durante a entrevista, D. Edna Lott demonstrou inabalável confiança no nacionalismo e nos sentimentos patrióticos da maior parte dos brasileiros. Também no Teatro Guairá, superlotado, à noite do mesmo dia, D. Edna falou aos curilibanos, explicando a mulher paranaense e ao povo em geral os motivos pelos quais devemos ser nacionalistas, demorando-se nos detalhes em torno da exploração estrangeira de que estamos sendo vítimas, «desde o Brasil-colônia», até os nossos dias, exploração essa que é a principal causa da miséria do nosso povo e da esmagadora mortalidade infantil causada pela fome. Falou do analfabetismo e de suas principais causas. Sua oração

foi, por diversas vezes, interrompida por calorosos aplausos.

“O voto não tem cor”

As mais diversas perguntas foram feitas a D. Edna, durante o seu encontro com a imprensa. Quando alguém lhe perguntou se o marechal Lott aceitara o voto dos comunistas, ou se os repudiou publicamente, D. Edna respondeu que «em primeiro lugar, os comunistas, como todos os demais brasileiros, são obrigados, por lei, a votar; em segundo, o voto não tem cor; em terceiro, se os comunistas estão com os nacionalistas, estão com Lott e com Jango, estão conosco, porque esses são os fatores preponderantes que nos unem».

Comitês femininos

Respondendo a pergunta de um jornalista, afirmou que mais de cem co-

mitês nacionalistas femininos já foram instalados em Minas Gerais, e que em muitos outros Estados as mulheres estão cerrando fileira em torno da candidatura do Marechal. E mais: a campanha está sendo dinamizada em todos os recantos da Pátria.

Aliado do adversário

A respeito das atitudes do coronel Canabarro, D. Edna Lott respondeu, sem rodeios, que Canabarro é o melhor propagandista e aliado do adversário, e que, no caso Canabarro, aplica-se bem o adágio popular: «Que Deus me livre dos amigos, que dos inimigos me livre eu!».

Sobre Sebastião Paes de Almeida e outros, disse D. Edna Lott que reitera todas as suas acusações, e frisa: «Desde a primeira vez que os acusei, nunca retirei uma vírgula do que disse».



D. Edna falou à imprensa

Assim que chegou à capital do Paraná a sra. Edna Lott concedeu, na sede do Comitê Nacionalista local, importante entrevista à imprensa reafirmando sua confiança na vitória da candidatura do marechal Lott.



D. Edna falou ao povo

Ao mesmo tempo em que a sra. Edna Lott concedia sua entrevista à imprensa curitibana, grande massa popular aglomerava-se em frente à sede do Comitê Nacionalista exigindo sua presença. Acendendo aos apelos populares, a filha do marechal Lott pronunciou vibrante discurso de reafirmação de suas posições nacionalistas.

Júlio

Barbosa

de Oliveira

Faleceu no dia 19 de julho último, após um longo período de enfermidade, o militante comunista Júlio Barbosa de Oliveira, ex-sub-oficial e rádio-telegrafista da Marinha Nacional. Júlio Barbosa de Oliveira era um veterano revolucionário, e teve atuação marcante nas lutas contra o fascismo e no movimento de libertação nacional. Júlio Barbosa, no período do Estado Novo, instalou em sua própria residência, no Meier a tipografia clandestina onde era impressa «A Classe Operária» e demais instrumentos de propaganda revolucionária. Em março de 1940, a sua residência foi cercada e invadida pela polícia política. Sendo preso, Júlio Barbosa foi submetido às piores torturas e remetido ao desterro na Ilha Grande, onde soube se portar com a dignidade de um combatente comunista. A sua dedicação ao movimento revolucionário pela emancipação econômica e política do Brasil fica como um exemplo para todos aqueles que lutam hoje sob a mesma bandeira.

Baleado o Líder Campones da Cidade de Cotaxé

VITÓRIA — E. Santo (Do Correspondente) — O líder camponês Francisco Calazans, conhecido como «Chico Gato» foi covardemente baleado em sua residência, na calada da noite, sendo atingido por dois tiros quase a queima-roupa. A sua filha, que dormia no mesmo quarto, chegou a ser chamuscada pela pólvora dos projéteis. Uma das balas atingiu o ventre de Calazans. O criminoso fez o disparo através de uma brecha existente na porta da cozinha da modesta residência do líder camponês.

uma poça de sangue, ante os olhos desesperados de sua esposa, em adiantado estado de gestação, e de seus seis filhinhos. Calazans, que é presidente da União dos Posses, recebeu ali mesmo os primeiros socorros, sendo transportado posteriormente numa carreta para Barra de São Francisco, onde foi operado. A bala, que foi retirada fez 14 perfurações no intestino de Francisco Calazans, que continuava resistindo aos ferimentos.

Os lavradores da localidade estão a caça do criminoso, e exigindo a sua punição.

A população da localidade de Cotaxé, correu imediatamente em socorro da vítima, encontrando-a caída em

«Aspectos da Reforma Agrária»

Em prosseguimento ao segundo ciclo de Palestras sobre Problemas Nacionais, promovido pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional e União dos Servidores Municipais, falará na próxima terça-feira, dia 9, às 18 horas, na A. B. L., sobre «Aspectos da Reforma Agrária», o economista Pompeu Acioli Borges, Assessor Econômico do Senado Federal e Chefe de Equipe do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais.

Entrada franqueada aos interessados.

Palavras Cruzadas

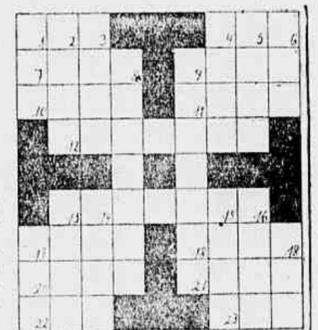
F. Lemos

PROBLEMA N.º 21

HORIZONTAIS: 1 — Merada, 4 — Não está cozido, 7 — Cheiro agradável, 9 — Máquina para fazer tecidos, 10 — Sirva prontamente, 11 — Essência imaterial da vida humana, 12 — Som agudo expelido dos lábios, 13 — De cor não carregada, 17 — Relativo à boca, 18 — Mácúla moral, 20 — Não paguei, 21 — Nome próprio masculino, 22 — Época, 23 — Membro empenado das aves.

VERTICAIS: 1 — Discurso laudatório, 2 — Primeiro alvoroço da manhã, 3 — Cortas com os dentes, 4 — Nome próprio feminino, 5 — Divisão e subdivisão de um tronco ou de um caule, 6 — Larva que se cria nas feridas dos animais, 8 — Escorregadio, 9 — Pequeno bloco de açúcar, 13 — Ter como verdadeiro, 14 — Matéria em fusão, que sai das vulcões, 15 — Pequena peça de madeira que serve para imobilizar ossos fraturados, 16 —

Deus do amor, 17 — Composição poética, dividida em estrofes simétricas, 19 — Criada de companhia.



RESPOSTA DO PROBLEMA N.º 20

HORIZONTAIS: 1 — R.A.U.; 4 — Pam; 7 — Erro; 9 — Lira; 10 — Ir; 11 — Ei; 12 — Eternos; 13 — Iharga; 15 — Ar; 16 — RS; 18 — Seis; 20 — Saco; 22 — Air; 23 — Ras. VERTICAIS: 1 — Rei; 2 — Arre; 3 — Ur; 4 — Pi; 5 — Ar; 6 — Mal; 8 — Orelhas; 9 — Lontras; 13 — Irei; 14 — Arca; 15 — Asa; 17 — S.O.S.; 19 — Ir; 21 — Ar.

Teatro

Beatriz BANDEIRA

“A Mais-Valia Vai Acabar, Seu Edgar”...

O autor é Oduvaldo Vianna, filho, O diretor é Francisco de Assis, moços da Arena de São Paulo, atuando aqui, desde o ano passado. O elenco é constituído de jovens universitários, todos da Faculdade de Arquitetura, creio eu. Local: o bellissimo pátio interno da dita Faculdade, transformado em teatro de arena. Música de Carlos Lyra, bossa-nova, que provou mais uma vez que quem tem talento o demonstra em qualquer gênero. O tema está explicito no título: uma aula de economia política ministrada em termos de teatro. Não pode haver empreendimento mais difícil, como a ousadia é própria dos jovens, Vianinha, talvez o mais jovem de quantos escrevem para teatro, tomou a si a tarefa imensa. Os resultados não surpreendem: são o que se poderia esperar, levando-se em conta todas as dificuldades que autor e diretor teriam de enfrentar. O que deve ser assinalado, entretanto, é que graças ao esforço desses jovens, tanto do Arena de São Paulo, quanto esses da Arquitetura, a Arte Dramática está sendo reabilitada, reconduzida às suas funções didáticas e sociais. Funções que exerceu desde os tempos de Aristófanes, até Lope de Vega, Calderon, Gil Vicente e outros. E mesmo, de um certo modo, até nosso Martins Penna, tendo nos últimos anos descambado para os dramatinhas psicológicos e os problemas de alcova. Não há dúvida que amanhã ou depois, quando se escrever a História do Teatro no Brasil, o movimento de renovação encabeçado por esses jovens marcará uma nova fase. Fazendo parte do grupo de G. Guarenti e Boal, visto que Vianinha tem intenções mais sérias, mais profundas. Ele sente que não basta relatar ou denunciar uma realidade, é preciso explicá-la, ensinar, redizendo-a aos termos mais simples e mais acessíveis. E foi, entretanto e justamente isso que ele se esforçou por realizar na «MAIS-VALIA...» e não conseguiu. Fortemente influenciado por Brecht e Charlie Chaplin, escolheu a linguagem teatral de um, misturando aos termos cinematográficos do outro, para expressar-se em sua aula. E, talvez, não seja essa a forma mais didática de falar a uma plateia totalmente ignorante do assunto. De tudo, resultou um conjunto de coisas negativas e outras altamente positivas. Entre as últimas, cumpre assinalar a cena do congresso de economistas, velhos mentecaptos e ganãs, muito semelhantes a certos conhecidos nossos, com a intervenção do jovem operário que dá a definição marxista da «mais-valia». Não compreendemos as razões que levaram Vianinha (ou terá sido o diretor?) a fazê-lo através de um ganho (ou não), bem depressa se esqueceu que o «era» quando a nossa vez tal resposta, esbaldado deveria saber ao valor de melhor timbre, a falar com voz clara e impetuosa.

TRUSTES SABOTAM A FÁBRICA DE PNEUS

Operários em Greve Exigem os Atrasados

Cerca de 600 trabalhadores da Fábrica de Pneus Brasil entraram em greve no dia 16 de julho último, reclamando o pagamento dos salários que não recebem há mais de dois meses. O proprietário da empresa, que é o único de capital nacional operando no ramo da fabricação de pneus e câmaras de ar, alega não poder saldar os seus compromissos com os empregados em virtude das dificuldades que a fábrica vem enfrentando, em consequência da concorrência desleal de que é vítima, e da própria má vontade da administração do Banco do Brasil, que lhe vem negando crédito sistematicamente.

A empresa, que chegou a dar uma produção diária de mil pneus, foi sendo sufocada pela concorrência da Firestone, Good Year, etc., e pela falta de crédito, tendo diminuído o seu ritmo de produção, baixando os seus índices para 600 e até 400 unidades diárias. O resultado da pressão dos monopólios, como sempre ocorre, caiu desastrosamente sobre os ombros dos 600 trabalhadores e das suas famílias, que estão passando fome, à espera de uma solução das autoridades. Os mensalistas da Fábrica não recebem os seus salários desde maio, enquanto os diaristas não viram mais um tostão da empresa desde o dia 1 de junho.

O movimento grevista é liderado pelo Sindicato dos Trabalhadores em Artefatos de Borracha, que vem se empenhando junto as autoridades ministeriais e ao Governador Sette Câmara, exigindo o pagamento que é devido aos trabalhadores.

Caiu de fome

A situação de miséria a que estão submetidos os operários é tão grande que diversos trabalhadores já caíram vitimados pela fome nas próprias dependências do Departamento Nacional do Trabalho, onde os entendimentos vêm se processando. O Diretor do DNT, diante da frequência desses acontecimentos, resolveu providenciar junto ao SAPS o fornecimento de refeição aos operários da Pneu Brasil, mas só quando eles vão ao DNT. A Comissão de



Operários com fome pararam o trabalho

Imposto Sindical destinou, por outro lado, uma ridícula verba de 300 mil cruzeiros para ser distribuída entre os 600 grevistas.

BB sabota ordens de JK

Consta que o Presidente da República havia determinado, há mais de um mês, que a Presidente do Banco do Brasil providenciasse um empréstimo à Fábrica de Pneu Brasil para que ela saldasse as suas dívidas com os seus empregados, e pudesse continuar a sua

atividade industrial. Mas a Agência do Banco do Brasil do Estado da Guanabara não recebeu a autorização. Esse fato foi levado ao conhecimento do Governador Sette Câmara, no dia 28 de julho último. O Governador da cidade comprometeu-se a solucionar o problema dentro dos próximos dias, e passou a entender-se diretamente com os Ministros do Trabalho e da Fazenda. Enquanto isso os operários continuam em situação aflitiva, lutando como podem contra a fome que assalta os seus lares.

Truste Dos Minérios Quer Dividir a República do Congo

Um mês depois da proclamação da independência da República do Congo, mais de dez mil soldados belgas continuam perturbando a paz no país e ocupando militarmente uma de suas províncias, a Catanga. Em duas províncias vizinhas, Casal e Quivu, ricas em ouro e diamantes, os colonialistas belgas provocam, direta e indiretamente, a deflagração da hostilidade entre tribos atrasadas e dominadas por chefes ancestrais alimentados pelos belgas. Enquanto isto, as tropas da ONU se limitam a policiar Leopoldville, Stanleyville e outras cidades do Congo ocidental de onde os belgas já se retiraram.

Em outras palavras, a intervenção da ONU, ao invés de pôr fim à intervenção inaceitável do exército belga, até o momento tem servido para manter um «status quo» que só interessa aos colonialistas belgas, porque serve ao seu principal objetivo: garantir a separação da Catanga do resto do país e preparar a criação de uma federação «independente» (isto é, dominada pelos belgas) das províncias congolêsas da Catanga, Casal e Quivu, base mineral do país. Essa é a situação atual do Congo: ocupado parcialmente pelos paraquedistas belgas, desorganizado econômica e administrativamente pela saída em massa dos funcionários europeus e ameaçado de divisão por elementos a serviço do colonialismo e sua principal agência, a União Mineira do Alto Catanga.

O sr. «Gaveta do Dinheiro»

Há um personagem de destaque no Congo que é conhecido em todo o país, em particular na Catanga, por um apelido que define sua atividade política e econômica, o sr. «Gaveta do Dinheiro». A partir de janeiro do ano passado, com as grandes manifestações de massa pela independência em todo o Congo, ficou claro para os colonialistas belgas que não seria mais possível continuar mantendo os treze milhões de congolêsos num regime de semi-escravidão disfarçado com algumas medidas paternalistas. Foi aí que o sr. «Gaveta do Dinheiro» começou a ser projetado como o dirigente «mais qualificado» do povo congolês. Até sua mesada na União Mineira foi aumentada de modo a permitir-lhe maior liberdade de movimentos.

O sr. «Gaveta do Dinheiro», segundo nome de Moïse Tchombe, além do mais, é tão querido pelos colonialistas que possui um hotel em Elizabethville onde só se hospedam brancos, o que, no Congo «belga», era um verdadeiro privilégio que nenhum outro congolês jamais teve. Quando já estavam marcadas as conversações entre os líderes congolêsos e o governo belga, os colonialistas resolveram realizar «eleições» na Catanga, antes que se constituíssem outros partidos políticos na província. Concorrendo sozinho às eleições, o partido de Tchombe, o Conacat, conseguiu formar uma maioria no parlamento provincial, mas não tinha a maioria de dois terços exigida pela constituição fabricada pelos belgas para que se formasse um governo. Os outros deputados, quase metade do parlamento, foram eleitos contra a vontade dos colonialistas e se opõem até hoje ao governo legal de Tchombe e à sua manobra separatista.

Terminadas as conversações em Bruxelas para a independência do Congo, nas quais os belgas tiveram que aceitar a presença de Patrice Lumumba, atual primeiro ministro do país, que foi libertado e levado a Bruxelas pela pressão das massas, começou a entrar em ação um plano bem elaborado para reduzir a independência a uma simples palavra sem qualquer valor prático.

A União Mineira

Em primeiro lugar, verificou-se uma modificação na organização da União Mineira. O truste que explora o manganês, o cobre, o urânio, os diamantes e outros minerais da Catanga e das províncias de Casal e Quivu é uma verdadeira rede de interesses internacionais, cuja cabeça é controlada pelos belgas, com interesses ingleses, tanto da metrópole como da Rodésia do Norte, franceses, germano-ocidentais e norte-americanos, principalmente de

Rockefeller e Morgan. A maioria das ações da União Mineira, entretanto, estavam nas mãos do governo colonial do Congo «Belga». Prevendo que seria impossível evitar que o Congo independente fosse dirigido pelos líderes nacionalistas, os colonialistas passaram as ações do governo central do Congo para o da província da Catanga, ao mesmo tempo que reduziam o valor dessas ações para 25% do total. Nas mãos de Tchombe, de qualquer maneira, estas ações estariam «bem administradas».

Acima de tudo, era preciso fazer o possível para garantir a continuação dos bons negócios para a União Mineira. E que estes negócios eram bons, não há dúvidas. Basta que se diga que os lucros da União Mineira atingiram no ano passado quase quatro milhões de francos belgas, para um capital de cerca de oito milhões. Esses lucros são proporcionados pela exploração desapidada dos mineiros congolêsos cujos salários representam cerca de um centésimo do valor do que produzem. Numa demonstração de cinismo absoluto, a própria Sociedade Geral da Bélgica, truste belga que controla a União Mineira, revelou há pouco tempo que um trabalhador congolês custava para ela pouco mais de cem cruzeiros por dia, inclusive as despesas do truste com a manutenção das missões religiosas.

Os «macacos» e os pobres europeus

Com a aproximação da data da independência, começou então uma verdadeira guerra de informações falsas e boatos alarmistas espalhados por todo o Congo e no resto do mundo. Os milhares de europeus que vivem no país foram aterrorizados de tal modo que começaram a fugir às carreiras. Dentro do exército, o comandante fascista belga Jansens provocava o levantamento dos soldados, com suas manobras para manter o controle sobre os «macacos», que é como se referia aos congolêsos.

Proclamada a independência e formado o governo de Lumumba, apesar do boicote promovido pelos belgas através do Partido do Povo e outros da marca do sr. «Gaveta do Dinheiro», todos os esforços são feitos para criar o caos dentro do país e desmoralizar Lumumba no estrangeiro. Até um «apelô» do governo congolês à intervenção armada dos Estados Unidos e da Bélgica foi forjado pelo embaixador belga Van Den Bosch. Segundo os meios colonialistas, o Congo estava dominado pela barbárie, e os «pobres europeus» submetidos ao terror. Vem então a intervenção militar belga «para defender nossos bens e a honra de nossas mulheres». A história, entretanto, não volta atrás e, com ou sem ONU, o destino dos belgas é um só: fora do Congo.



Fidel Tem Retrato na Capital Paulista

Alguns dias atrás, as pessoas que passavam na praça Ramos de Azevedo, defronte à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, deparavam com um enorme retrato de Fidel Castro colocado na conhecida torre de petróleo que os nacionalistas de São Paulo elevaram. O retrato do chefe da revolu-

ção cubana foi instalado num comício convocado pela Comissão Paulista de Solidariedade a Cuba, depois de uma passeata a que compareceram centenas de estudantes, intelectuais, operários e líderes políticos, e representa o apoio que o povo brasileiro presta aos seus irmãos cubanos em luta contra o

imperialismo norte-americano. Outro retrato de Fidel Castro foi inaugurado na sede da União Estadual de Estudantes. O governador janista Carvalho Pinto, entretanto, mandou a polícia retirar o retrato da torre de petróleo, apesar dos protestos populares.

Professor americano :

Fidel

tem razão

Henry Bretton, professor de Ciências Políticas da Universidade de Michigan, declarou que os Estados Unidos são responsáveis pela atual aversão existente em Cuba contra os norte-americanos. «Não sei se Castro é agente do comunismo internacional», disse, «mas devemos reconhecer que as queixas do povo cubano são legítimas. Especialmente fora dos Estados Unidos, muitas pessoas sabem qual era a vergonhosa situação existente em Cuba antes da revolução de Fidel Castro. E nós tiramos vantagem dessa situação. Muitos dos acordos comerciais hoje em vigor entre entidades norte-americanas e Cuba tiveram sua origem nessa época. Hoje, Fidel Castro tenta corrigir esses males e é certo que as relações comerciais e industriais entre as duas nações devem ser corrigidas, pois não é ainda tarde demais para que os Estados Unidos reorientem sua política relativamente a Cuba. Fidel Castro não é o louco que se afirma».

PARA OS ESTUDANTES IKE É UM BURRICO

Jalisco se Coloca ao Lado de Fidel Castro

Serviço Especial de PRENSA LATINA Exclusivo para NOVOS RUMOS

Guadalajara, capital do estado de Jalisco, é considerada como a segunda capital do México. Seus 700 mil habitantes — Tapatios — têm fama de agressivos e rebeldes; fama que foi fomentada por alguns filmes do cinema mexicano feitos na base de aldeões bêbados ou tequila e munidos de pistolas, os TAPATIOS deram origem ao refrão muito popular no México que diz: «Jalisco nunca perde, e quando perde, arrebatá».

Além da lenda e das deformações cinematográficas, há uma razão para tudo isto. A história de Jalisco está cheia de exemplos nos quais se apóia sua fama. Em Guadalajara o padre Hidalgo proclamou seu decreto de abolição da escravatura alguns dias depois de iniciado o movimento de independência. Dalí saíram os dirigentes do movimento «Cristero», mas também foi Tapatío o grande liberal, pai da reforma, Don Valentim Gomez Farias.

A juventude Tapatia esteve sempre à altura dessa tradição mas

há muito tempo que não provocavam manifestações como as de 23 de maio último, ao comemorar o Dia do Estudante.

Em anos anteriores esta comemoração limitava-se a brincadeiras às vezes de mau gosto, como jogar água nos transeuntes ou frutas contra os automóveis, etc.

Mas este ano a coisa mudou muito. As brincadeiras foram esquecidas, nada de jogar pedras nos parabrisas dos automóveis, nenhum atropelo contra os passantes. A manifestação estudantil caracterizou-se pela ordem; o comércio não teve que fechar suas portas e o público aglomerou-se nas calçadas para aplaudir os manifestantes.

Mas a mudança teve outra nuance. O desfile começou às 11 horas; da Escola Preparatória saíram 200 estudantes carregando cartazes com frases como: «Viva Cuba revolucionária!», «Morra o pepsicolo Ike!», etc.

Pouco depois de iniciado o desfile, o grupo de 200 tinha-se multiplicado por dez. Muitas pessoas do povo juntaram-se a manifestação,



Cuba sim, ianques não!

O burro e o açúcar

O que provocou maior entusiasmo e aplausos do público foi a troca com Tio Sam: um burro branco coberto com a bandeira norte-americana e na cabeça uma cartola com 3 letras: Ike. A seu lado caminhava um «Fidel Castro» com suas barbas e o uniforme do exército rebelde que de vez em quando oferecia torções de açúcar no burrinho branco.

Quando a manifestação chegou diante do consulado dos Estados Unidos o entusiasmo transbordou: durante meia hora os estudantes,

diante do consulado, soltaram foguetes em favor da revolução cubana. Os norte-americanos, das varandas do edifício, detrás de suas janelas, contemplavam o espetáculo com seus rostos grandes e pálidos; um fotógrafo louro enfrentou a zombaria estudantil para tirar fotografias, particularmente do burro branco de cartola cimento açúcar.

Esta é a primeira manifestação estudantil de apoio aberto à revolução cubana. O fato é muito significativo por ser esta, apesar de tudo, uma das cidades mais conservadoras da república.

Nota Internacional

O Programa Republicano

As próximas eleições norte-americanas serão, em boa parte, dominadas por uma imbuência parca, que dirigirá dos bastidores a campanha dos republicanos: Nelson Rockefeller, governador do Estado de Nova York. A intenção inicial de Rockefeller, principal representante político dos grandes monopólios, era a de ser eleito candidato republicano à presidência. Entretanto, suas posições anti-reacionárias e belicistas equinocaram suas possibilidades eleitorais. Sem os milhões e os jornais a serviço de Rockefeller e seus sócios e amigos, contudo, será impossível a Nixon vencer qualquer candidato democrata, mesmo que seja o candidato Kennedy, e repetir a «fanfarrada» de Eisenhower em 1952 e 1956, quando foi imposta aos eleitores estadunidenses graças a um verdadeiro festival propagandístico. Daí o papel desempenhado por Rockefeller e a aceitação por Nixon de seu programa e liderança.

Mesmo com os milhões e os jornais dos grandes monopólios ligados à indústria bélica, entretanto, seria praticamente impossível aos republicanos conservar sua posição na Casa Branca se não se cobrissem de uma camada de verniz liberal. E então o governador de Nova York e o vice-presidente Nixon entram em acordo para a adoção de um programa demagógico que chega ao cúmulo do cinismo de tomar a defesa do movimento anti-segregacionista dos restaurantes do sul norte-americano. A hipocrisia de tal declaração é ainda mais acentuada pelo fato de que o governo republicano se encarregou de reprimir o movimento dos negros, prendendo seus líderes, inclusive religiosos. O resultado da manobra, no final das contas, foi um tiro pela culatra: a comissão republicana encarregada de votar o programa do partido se esmerou em retirar toda e qualquer referência concreta à luta pelos direitos dos negros, incompatível com a democracia republicana.

O princípio fundamental do programa proposto pela dupla Rockefeller-Nixon, na qual, pelo visto, a primeira entra com o capital e o segundo com o trabalho, e a crescente militarização da economia dos EUA. Os pronunciamentos de recessão econômica já verificados no primeiro semestre, apesar da recuperação provocada após a greve do aço do ano passado, colocaram em polvorosa os meios monopolistas. Depois da sabotagem da conferência de cúpula, os monopólios conseguiram mais um e meio bilhão de dólares de encomendas militares do Estado, pagas pelo contribuinte norte-americano. Isto, entretanto, não basta para garantir a «prosperidade». Torna-se então necessário elaborar um orçamento militar ainda maior, como propõe Rockefeller. O caminho a ser seguido pelos republicanos em caso de vitória da chapa Nixon-Cabot Lodge está indiano na política já efetuada por Rockefeller no Estado de Nova York e preconizada na plataforma que elaborou: redução dos impostos pagos pelos trustes, elevação crescente dos impostos pagos pelas camadas populares, concentração das despesas públicas na produção militar ou para militar, contração das despesas com obras públicas, proteção aos monopólios iníquos nos países atrasados e aquecimento da guerra fria. Em outras palavras, paz americana e «prosperidade» para os monopólios.



PROF. GUERREIROS RAMOS A NOVOS RUMOS:

Na China de Hoje vi o Mundo de Amanhã

O prof. Guerreiro Ramos fez recentemente uma demorada visita a diversos países europeus e asiáticos, e especialmente à China Popular. Convidado pela Associação Chinesa de Trabalhadores Científicos e Técnicos, o conhecido sociólogo cumpriu na China um intenso programa de visitas e estudos. Foram 40 dias de viagens, palestras e visitas, durante os quais teve a oportunidade de entrar em contato com os mais diversos aspectos da sociedade socialista chinesa, e com as coisas que estão conduzindo o povo chinês num caminho acelerado para a libertação econômica e cultural, para o socialismo. Em seu regresso ao Brasil, a **NOVOS RUMOS** foi encontrar o prestigiado professor e escritor profundamente impressionado com o que viu na China. A entrevista que publicamos abaixo é o registro deste encontro entre o prof. Guerreiro Ramos e o nosso jornal.

— Quais os aspectos da vida e da sociedade chinesa que mais o impressionaram, como escritor e sociólogo?

— A experiência chinesa reveste duplo interesse: humanístico e acadêmico. Do ponto de vista da história do homem, a China é hoje um dos pontos da Terra em que já se podem ver alguns traços característicos da sociedade futura. Com efeito, ali estão sendo gradualmente eliminadas as diferenças entre o campo e a cidade, entre o trabalho intelectual e o manual, entre o homem e a mulher, bem como já se começa a praticar o princípio comunista — «a cada um segundo suas necessidades» — uma vez que, nas comunas populares, os trabalhadores recebem gratuitamente a sua alimentação básica, principalmente os cereais.

A caracterização desse princípio ainda é restrito, mas não cabe dúvida de que sua generalização não está longe, graças às taxas recordes de produção que se verificam na China.

— Como o professor encara esta rápida passagem ao socialismo que constatou na China, tendo em vista o passado recente de fome e miséria do povo chinês?

— Sem o conhecimento da história chinesa não se pode com efeito apreciar a escala da importância histórica do socialismo chinês. É certo que, comparadas com a de alguns povos, as condições materiais de vida do povo chinês deixam muito a desejar, pela sua relativa precariedade. Mas as referências para a avaliação do padrão de vida chinês não podem ser as habituais no mundo ocidental, por exemplo, consumo «per capita» de telefones e automóveis. A despeito de seu elevado nível material de con-

sumo, os Estados Unidos não deixam de ser um dos países em que mais se consomem drogas para dormir, e a Dinamarca, a Noruega e a Suécia, as nações de maiores taxas de suicídio. No que diz respeito aos consumos básicos, o povo chinês vive hoje num paraíso, em comparação a situação anterior à Libertação, em 1949. Todo o povo chinês está alimentado e vestido. Praticamente não existe para ninguém na China a incerteza do dia de amanhã quanto aos consumos vegetativos básicos, e isto é algo de espetacular para o povo chinês. Além disso, o povo chinês está liberado de muitas apreensões que aniquilam e deprimem a maioria dos habitantes dos países capitalistas, inclusive os Estados Unidos: o medo de não ter trabalho, o medo de que os seus filhos não sejam educados, o medo de não ter arrendamento, o medo de não deixar nada para a família, o medo da velhice e outros medos. Todos esses medos estão eliminados na China, dentro de uma solução que não é a ideal, mas que é a mesma para todos e a única possível concretamente. Mas, hábito mal na China — dir-se-á. É certo. Mas em dez anos o socialismo chinês não poderia

ter resolvido um problema ao qual cinco mil anos de história decorridos na China não deram solução. Apesar disso, o ritmo atual de construção de moradias é inédito em sua história.

— O professor esteve em contato com os meios técnicos e científicos da China. Em que pese esta herança de atraso que descreve, como encontrou a ciência e a técnica chinesas?

— É preciso ver a China como uma estrutura econômica e social em gerção, ou em participação presente, e não como obra acabada. A luz deste ponto de vista, não tem limites o que ali poder ser materialmente conquistado em breve prazo. As condições objetivas e naturais estão socialmente dominadas, assenhoreadas pela consciência social do povo e pela ideologia. Quando isto acontece num país, este pode contar com a superação, a médio prazo, de suas dificuldades materiais. Nestas condições, se as circunstâncias materiais do povo chinês ainda são relativamente deficientes, ele já sabe que um esforço produtivo rapidamente os transformará em outras, à altura das

maiores exigências de nossa época. Do ponto de vista da psicologia coletiva, o povo chinês já se encontra na era científica e, portanto, no limiar do período histórico da humanidade. Daí o teor pedagógico da sociedade chinesa. A ciência, ali, é cada vez menos um privilégio, e tende a ser uma conduta de massas.

Referindo-me ao imenso teor pedagógico da sociedade chinesa atual, disse a uma autoridade de Changai, que me homenageava com um jantar: «O superior explica o inferior. A sociedade chinesa é um crítico militante do capitalismo, pois o explica e o decifra mais cabalmente do que os livros». A referida autoridade teve medo dos termos superior e inferior, talvez porque lhe evocassem alguma implicação fascista. Não me entendeu, positivamente. Quero agora retomar esta observação que, penso, será oportuna para o público brasileiro. Assim como, a partir da anatomia do animal humano, compreendemos mais facilmente a anatomia dos animais inferiores, assim também o feudalismo explica o escravagismo, o capitalismo explica o feudalismo, e o socialismo explica a forma de produção e organização social que lhe é historicamente inferior. Visitei muitas universidades na China, mas a verdadeira universidade para mim, na China, foi o homem comum e a mulher comum.

É por isso que o meu estágio na China tem também um interesse acadêmico, no bom sentido da palavra. Já conhecia o socialismo nos livros. Idealizava-o. Foi, para mim, uma experiência decisiva ver o socialismo na prática, sob formas sociais e humanas ordinárias, numa população de 650 milhões de pessoas. Vivendo 40 dias na China, tive o ensejo de encontrar a solução de alguns problemas teóricos de sociologia, que os livros, por si sós, não me proporcionariam. Como sociólogo, volto à China mais competente do que quando saí do Brasil, no dia 13 de abril deste ano.

— Estas soluções encontradas na China, no terreno da sociologia, têm relação com a sua maneira de ver a sociedade brasileira?

— Em certa medida, sim, mas não de forma absoluta. Longe de mim insinuar, que a sociedade chinesa seja perfeita. O socialismo chinês é intransferível, é uma solução para a China, produto de sua história. O que temos de aprender na China é a atitude metódica de seus governantes e de seu povo diante da realidade. Os resultados desta atitude aplicada na China não devem ser propostos como panacéias para o Brasil. Temos de fazer um esforço de criação original no domínio econômico, social, político e cultural, para resolver os nossos problemas. Em livro que estou escrevendo irei discutir a fundo o experimento chinês e soviético, com detalhes que não podem ser focalizados no âmbito de uma entrevista.

Por exemplo, não tenho espaço para tratar como gostaria das comunas populares. Reuni abundante documentação sobre elas. Visitei demoradamente algumas delas, e ainda não acabei de digerir as observações diretas que colhi sobre tais formas de organização econômica, social, política e cultural. As comunas populares implicam uma inovação de forma e de princípio na teoria do desenvolvimento econômico até agora formulada nos centros acadêmicos universitários da Europa ocidental e dos Estados Unidos. Graças às comunas populares, a China põe em prática um inédito modelo de industrialização. Industrialização sem êxodo rural, sem desequilíbrios regionais, sem polaridade entre meio rural e meio urbano, sem «lei de bronze», sem «exercício industrial de reserva». A China é um país que cresce cada ano de 15 milhões de pessoas e sofre de penúria de trabalhadores. Considero este fato tão importante quanto o lançamento do sputnik, ou a descoberta da bomba atômica. A teoria do «optimum» de população é uma piada.

— Que diz o professor da propaganda veiculada na imprensa imperialista, a propósito de um suposto «trabalho forçado» nas comunas populares?

— Encontrei de fato em toda parte na Europa, fora do ambiente dos especialistas, uma idéia errada a respeito das comunas populares. As comunas seriam campos de concentração de trabalhadores forçados, ou escravos, implicariam a desagregação das famílias, etc. Nada há de mais



Presença do povo com decisões políticas

Na Porta da Paz Duradoura, da Avenida da Paz Celestial, em Pequim, o Prof. Guerreiro Ramos assistiu ao comício em que 600 mil chineses protestaram contra o governo de lacaios do imperialismo que oprimia a Coreia do Sul

falso. Jamais vi um camponês tão esclarecido e alegre como o das comunas populares. Aliás, o trabalhador da comuna é, por princípio, um operário polivalente. Ninguém passará toda a vida como lavrador apenas, ou apenas criador. Todo trabalhador se adestrará em diferentes tipos de atividade. Além disso, o camponês da comuna tem elevado grau de consciência política, pois de vários modos participa nos processos de decisão dos órgãos de administração local. A família tem elevado padrão ético, sendo de notar o nível de instrução da mulher, cada vez mais libertada da servidão dos trabalhos domésticos, que estão passando a ser realizados em escala comunitária e social.

— Que impressão trouxe o professor da União Soviética, e dos demais países que visitou?

— Minhas observações não se restringiram, é verdade, à China. Estive na União Soviética, na Hungria, na Iugoslávia, na Dinamarca, na França e na Suíça. Pretendo, em meu próximo livro, utilizar a experiência de observações e estudos que realizei nesta viagem. O Brasil está perdendo tempo. Conversei com líderes africanos e asiáticos em Pequim, Belgrado, Budapeste e Moscou, e toda esta gente reflete a existência, em seus países e territórios, de quadros políticos audaciosos, independentes, atualizados em relação à nova realidade mundial. Nosso país está desajustado do mundo. Guardá-lo us

proporções, e reservados as exceções, nossos quadros políticos são mais atraídos que os de Tanganika. Somos uma grande potência média mundial que ainda cultiva fórmulas de medo, condutas coloniais. A escassa cultura política de nossos governantes nos deixa envergonhados no exterior, quando nos pedem para explicar as posições do Brasil em política internacional. Que ira fazer o Brasil na próxima reunião de chanceleres convocada pela OEA? O governo brasileiro ainda não terá compreendido que a revolução cubana vingou, que não há condições internacionais para se repetir o modelo da Guatemala?

Não sou pessimista quanto ao Brasil. Mas, voltando de longo contato com líderes asiáticos e africanos, para os quais as decisões políticas resultam de especulações e ponderações em que sistematicamente se levam em conta elementos objetivos da realidade mundial e de seus respectivos povos, tenho a impressão de estar num país desgovernado, em que os ocupantes formais dos postos de mando não controlam as situações que deviam tratar. O país mudou de conteúdo e ainda não promoveu a esfera de decisão os que o representam, e que estão capacitados para exprimir e levar às últimas consequências as suas novas exigências. A crise principal no país é a do poder. Os novos termos do poder não estão institucionalizados. E, assim, ninguém no Brasil comanda. Mas esta situação não pode durar muito. Vamos viver, em breve, dias muito graves e dramáticos.



Os mais egressos e os mais esclarecidos

Os trabalhadores das comunas populares são os camponeses mais alegres e mais esclarecidos jamais vistos pelo Prof. Guerreiro Ramos. A comuna popular é uma forma superior de organização social



«A teoria do optimum de população é uma piada». Na China, com 650 milhões de habitantes, há falta de braços para o trabalho. O desemprego, o «medo do futuro» são desconhecidos: isto é mais importante que o lançamento do «sputnik», ou que a descoberta da bomba atômica. Pois a China, ainda ontem, era o país da fome e da miséria.

Quanto mais, melhor

NOVOS RUMOS

Despejo no Morro

Amparando uma criança doente com uma das mãos e com a outra enxugando os olhos, a mulher foi descendo o morro de São João. Muitas vezes achara bem difícil subir aquele morro, mas, agora, compreendia que o mais difícil mesmo era descê-lo... E descer para onde, afinal?

Certa vez um morador do morro explicou: — Não é por prazer que moramos aqui. Gostaríamos de morar lá em baixo, num apartamento onde a água corre nas torneiras, onde nos sentíssemos como pessoas humanas. Mas quando desemos não é para um apartamento. É para o meio da rua, como se fôssemos animais.

E lá se vão os moradores de mais uma favela carrega para o meio da rua. Mas os pais e os filhos são pessoas caridosas. Permitem que descessem calmamente. Podem levar dois ou três dias descendo o morro, com as suas crianças, os seus velhos, os seus doentes. Porém, hoje ou amanhã, a angústia de perder um lar é a mesma. E melhor fora que descessem correndo, sem favores e com dispensa de caridade. O governador da cidade é, também, caridoso. Mandou que os soldados não ameaçassem os moradores com as suas baionetas e os seus fuzis. E o despejo está sendo feito sem violências. Que nome deverá ser dado à ação de lançar no abandono dezenas de famílias, empurrá-las para o meio da rua? Ou a violência estará, apenas, nas armas dos soldados?

Onde estarão dormindo as crianças do morro de São João? A presença da noite é a presença do desespero para os que não têm onde dormir. Mas os pais, juizes e governadores dormem, sempre, tranquilamente...

Dentro de poucos dias, no morro de São João, o considerado dono daquelas terras, apesar de não constarem do testamento de Adão e Eva, vai construir prédios de apartamentos, onde a água correrá nas torneiras e onde outras crianças se abrigarão. Nesse tempo, por onde andarão as crianças do morro de São João? E essa é a justiça, a democracia, a caridade, exaltadas pelos, que falam em nome não sei de que liberdade e contra o perigo do «comunismo, internacional». Que agente subversivo exortou as famílias do morro de São João? Realmente, de acordo com os conceitos dos que desabrigam crianças, é um grande mal impedir que o único homem construa os seus arranha-céus e com os lucros adquira mais poder para desabrigar outras lavas de crianças, sempre, sob a proteção da justiça, da democracia e da caridade.

A proclamação de mulheres vai descendo o morro. E quando chegarem à cidade, onde não terão um apartamento para morar, estarão tão cansadas que nem poderão rezar (e é pena!), para que a justiça se torne mais sábia, a caridade mais infinita e a democracia mais aprumada, e, no próximo despejo, contratem uma orquestra para tocar a valsa da despedida.

Ana Montenegro

Lacerda Não Quer Escola Para Todos

A semelhança do sr. Jânio Quadros, que no plano nacional se arvora em «salvador da pátria», o deputado Carlos Lacerda, depois que se lançou como candidato a Governador do Estado da Guanabara, passou a abusar da paciência dos que conhecem melhor a sua vida política, apresentando-se como «defensor da escola pública». São veementes as suas promessas de dar educação ao povo, propaladas pessoalmente pela TV, ou através de cartazes sugestivos.

Seria de admirar que, um homem que desde longa data vem se colocando a serviço dos interesses mais retrógrados e ligados ao imperialismo, resolvesse agora, contrariando essas mesmas forças, lutar pela educação para todos. Enfim, tudo seria possível, se o homem em questão não fosse o sr. Lacerda, autor do infame substitutivo ao projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Podemos afirmar, com segurança, que ninguém mais do que o sr. Lacerda atenta e atenta contra a escola pública, gratuita, universal e sem discriminação. Apoiado pelo sr. Thompson Flores, presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino, e assessorado pela profa. Sandra Cavalcanti, o sr. Lacerda faz todas as manobras possíveis dentro da Câmara dos Deputados para desferir no projeto de Diretrizes e Bases, através do seu substitutivo, os golpes certeiros para acabar com a escola pública.

Agora, porém, o sr. Lacerda se afirma defensor da escola pública. Mas, para que de início se desmascare a tentativa de enganar o povo, o conceito que o deputado tem de escola

pública é totalmente falso. Para ele, qualquer escola é pública, seja mantida pelo Estado ou pela iniciativa particular porque, em ambos os casos, esses estabelecimentos estão servindo ao «Bem-Comum» e atendendo ao povo. Ora, nada mais utópico que afirmar que uma escola particular está aberta a todo o povo. Uma criança de favela só poderá nela ingressar para passear no jardim. A parcela do povo que ali recebe educação é uma minoria privilegiada, que sustenta um certo padrão social e econômico que tal escola exige. É preciso deixar claro, de uma vez por todas, que Escola Pública é aquela que, por ser mantida pelo Estado e não cobrar anuidades, não favorece nem permite qualquer discriminação, seja econômica, política, racial, social ou religiosa.

Nada melhor, no entanto, para descobrir as verdadeiras intenções do sr. Carlos Lacerda, que uma análise do substitutivo por ele apresentado na Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, quando da discussão do projeto de Diretrizes e Bases.

O Estado e a educação

Tudo o substitutivo Lacerda é caracterizado pela subestimação do papel do Estado no provimento da educação, encarando-o somente como fornecedor de verbas... para a escola particular.

O artigo 3º do substitutivo diz: «Para que a família, por si ou por seus mandatários, possa desobrigar-se do encargo de educar a prole,

compete ao Estado oferecer-lhe os suprimentos de recursos técnicos e financeiros indispensáveis, seja estimulando a iniciativa particular, seja proporcionando ensino oficial gratuito ou de contribuição reduzida». (O grifo é nosso).

É evidente, neste artigo, não só que o capcioso «fornecimento de recursos» à família ou a «seus mandatários» irá cair na mão dos donos de colégios particulares, como também a prioridade com que é contemplada a escola particular.

Mais adiante, no artigo 10, é reafirmada a dispensabilidade de o Estado fornecer educação:

Art. 10 — «Competem ao Estado as seguintes funções:

a) dar, quando solicitada, assistência técnica e material às escolas...

b) verificar se a escola preenche as finalidades a que se propõe;

c) fundar e manter escolas oficiais em caráter supletivo nos estritos limites das deficiências locais, onde e quando necessário ao pleno atendimento da população em idade escolar». (O grifo é nosso).

Como se vê, pelo item a o papel do Estado seria «ajudar» as escolas, enquanto o texto constitucional o obriga a mantê-las no sentido integral da palavra ou pelo item b, fiscalizar as escolas existentes. E, se em todo o caso o Estado insistisse em fundar escolas, só poderia fazê-lo numa quantidade julgada necessária pelos privatistas, isto é, a escola pública passa-

ria a ser supletiva às particularidades. Onde os comerciantes do ensino julgassem que a escola pública viria aumentar a concorrência, bastaria declarar que seus estabelecimentos atendiam a toda a população, para que não se fizessem escolas públicas. É claro que assim não se cumpriria a Constituição, que afirma ser o ensino primário obrigatório. Se não fornece escolas gratuitas em número suficiente, o Estado não pode obrigar a freqüência aos colégios pagos.

Até mesmo para a função de fiscalizar a educação, o sr. Lacerda queria reduzir o papel do Estado ao mínimo. O artigo 15, por exemplo, propõe:

«A apuração normal dos resultados escolares ficará a cargo dos próprios estabelecimentos de ensino, sujeitos a processo de auto-inspeção exercida por entidade autônoma por eles constituída, subordinada ao Conselho Regional de Educação».

Esse método de «auto-inspeção» seria muito cômodo para os colégios e faculdades particulares, onde todos sabem, ocorrem as maiores fraudes de falsa prestação de provas, compra de diplomas, etc.

E, enfim, quando fosse indispensável a interferência estatal, na regulamentação dos cursos, matérias, etc., o deputado Carlos Lacerda exige, simplesmente:

Art. 20, Item a) «participação de representantes dos estabelecimentos particulares e oficiais nos órgãos de direção dos sistemas escolares locais e nos congressos por tais órgãos convocados». (O grifo é nosso).

As verbas públicas

Se fossem apenas esses os atendidos que o sr. Lacerda tentou no seu substitutivo, alguns deles incorporados ao projeto atual, estaria salva a pátria. Mas, o deputado foi tão mais longe na sua tentativa de acabar com a escola pública, que é preciso deixar claro suas reais intenções.

O sr. Lacerda sabe muito bem que, enquanto 30 milhões de brasileiros não puderem participar da vida política do país por serem analfabetos, ele tem suas posições e privilégios garantidos. Portanto, para manter-se onde está, sem maiores riscos, é necessário de um lado impedir que essa imensa parcela do povo receba instrução — e isso ele o faz magistralmente com seus substitutivos — e de outra parte negar o voto ao analfabeto — suas posições a esse respeito são bastante conhecidas.

Uma das formas mais simples de acabar em pouco tempo com a escola pública, sem aparecer acintosamente contra ela, seria desviando as verbas públicas destinadas à educação para a escola particular. Assim, as escolas oficiais fechariam por falta de recursos, enquanto os estabelecimentos particulares («públicos», segundo o deputado) floresceriam, justificando plenamente a «liberdade de ensino».

Essa «brilhante» solução constitui o objetivo primordial do substitutivo Lacerda.

O artigo 7º, por exemplo, reza:

«O Estado outorgará igualdade de condições às escolas oficiais e às particulares:

a) pela representação adequada das instituições educacionais nos órgãos de direção do ensino;

b) pela distribuição das verbas consignadas para a educação entre as escolas oficiais e as particulares proporcionalmente ao número de alunos atendidos». (O grifo é nosso)

A presença dos privatistas nos órgãos educacionais, que terão, entre outras atribuições, a de distribuição das verbas públicas destinadas à educação, já constitui um sério perigo. Indo mais além, o deputado Carlos Lacerda mostra claramente para que



O «Corvo» ataca

servirá a presença desses homens nos conselhos de educação (e essa cláusula persiste no projeto de Diretrizes e Bases): garantir cada ano o desvio dos dinheiros públicos para os bolsos dos donos de colégios, que em alguns casos, pelo critério de proporcionalidade, serão somas fabulosas.

Se tomarmos como exemplo apenas o ensino médio do Estado da Guanabara, ficará bem clara a que interesse o sr. Lacerda está servindo quando legisla tais absurdos. Em 1959, matricularam-se nas escolas federais e municipais do Rio de Janeiro 23.979 adolescentes; nas escolas particulares 78.227. É fácil verificar que, pela distribuição de verbas de acordo com o número de alunos atendidos, as escolas particulares iriam nadar em ouro, pois, além das anuidades pagas pelos alunos, receberiam uma considerável «ajuda» dos cofres públicos. Isso lhes permitiria, em pouco tempo, ampliar instalações, receber um maior número de alunos e, conseqüentemente, mais dinheiro público. Ao mesmo tempo, o círculo vicioso inverso se daria com a escola pública, que acabaria fechando por falta de verba.

Atentados em profusão

Mas não termina aí o problema. Enquanto apenas 12% dos alunos do nível elementar estão em escolas particulares, no nível médio 68% são forçados a frequentá-las, pela modéstia da iniciativa pública nesse ramo. Por isso mesmo, para cada 7 alunos do primário só há um no ciclo médio. Acentuar essa desproporção, dando verbas para uma escola que não atende a todos os que precisam instrução e que não têm recursos, é colocar-se decididamente do lado daqueles que não querem dar educação ao povo, onde, aliás, o sr. Lacerda sempre esteve.

Continuando a bater na tecla da subvenção à escola particular, o substitutivo insiste, no artigo 70:

«Além dos recursos orçamentários destinados a manter e expandir o ensino oficial, o Fundo Nacional do En-

sem problemas financeiros para criar os filhos, o dinheiro correndo à vontade para a sua burra, o «Corvo» quer liquidar a Escola Pública para deixar campo livre aos «tubarões» que exploram o ensino

sino Primário, do Ensino Médio e o do Ensino Superior proporcionarão previamente fixados, para a cooperação financeira da União com o ensino de iniciativa privada em seus diferentes graus».

Descobrimos novos métodos para extorquir dinheiro do Estado, propõe o artigo 82:

«Entende-se por Financiamento Escolar aquele destinado a proporcionar recursos para construção de prédios, ajustamento de aluguéis, expansão das instalações, compra de equipamento, reforma, etc., a estabelecimentos não-oficiais».

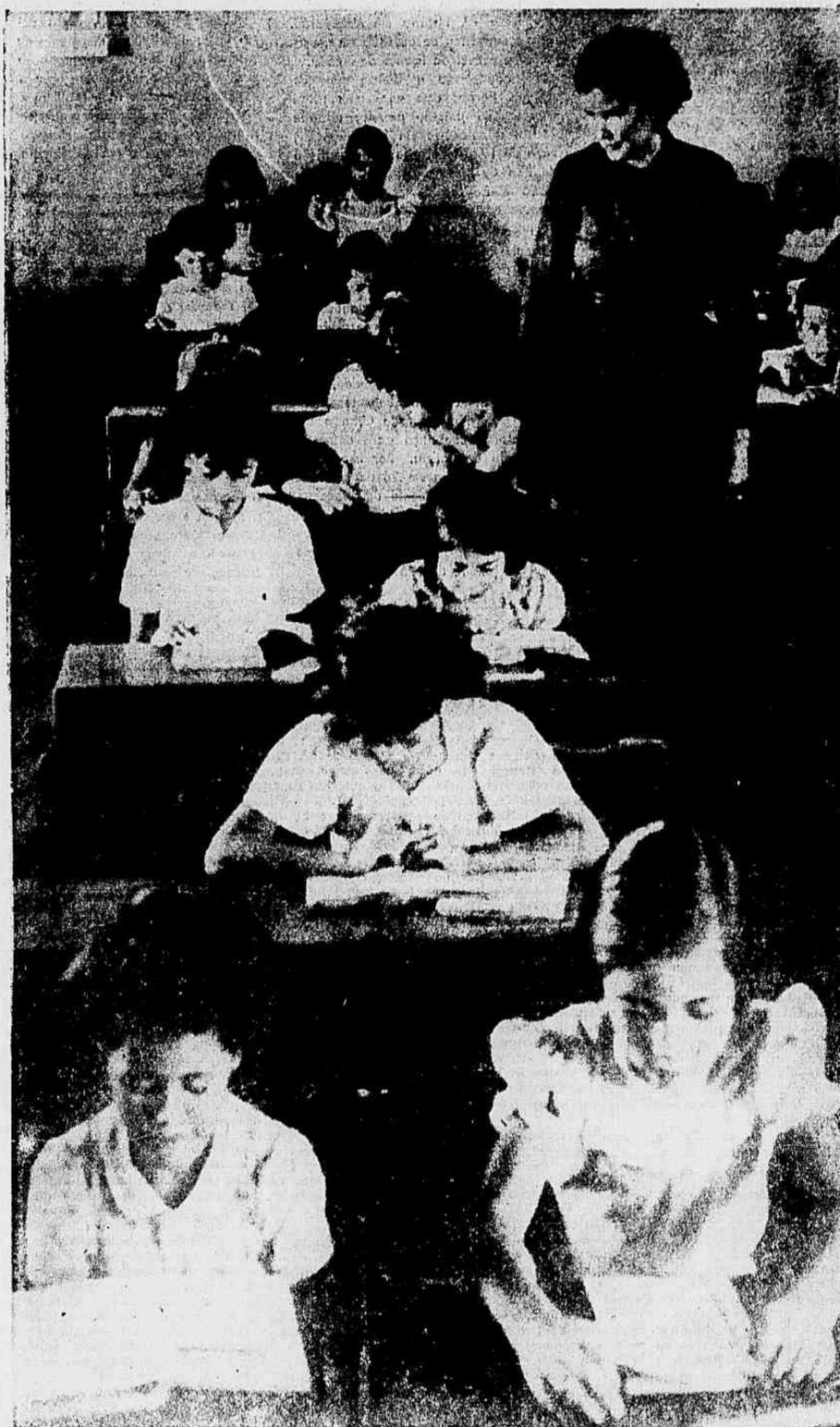
Outro meio ainda de subvencionar a escola particular com dinheiro público, é através das bolsas de estudo. No momento atual elas são um mal necessário, enquanto o Governo não oferece escolas suficientes para todos. Mas, se são por ele fornecidas, devem ser reguladas e outorgadas pelos órgãos oficiais. O sr. Lacerda, entretanto, propunha no seu substitutivo algo diferente. Diz o artigo 75,

«As bolsas custeadas com recursos orçamentários serão concedidas diretamente pelos Conselhos Regionais de Educação; estes poderão, porém, delegar funções, em cada localidade, a uma Comissão Educacional de sua criação e responsabilidade, constituída de pelo menos 5 membros designados entre pessoas de reconhecida integridade moral e domiciliadas na localidade em que as bolsas forem aplicadas».

E, finalmente, para ganhar a adesão dos professores, o deputado postulava, no artigo 78:

«Será levado em conta, no custo de cada bolsa, a necessidade de equiparar o salário do professor particular ao do magistério público na mesma região».

Todos sabem que os donos de colégios particulares não iriam abrir mão de um só centavo do que recebem para melhorar o salário dos professores, como nunca o fizeram, aliás. Essa manobra visa, na realidade, como todas as outras, tirar mais dinheiro dos cofres públicos, prejudicando com isso a escola pública.



Essas crianças não estudarão

A Escola Pública no Brasil não está preparada para atender às necessidades da infância e da juventude, em virtude do descaço das autoridades. Ao contrário da solução apresentada por Lacerda, que, liquidando o ensino público, impediria milhares de crianças de estudar, o que se necessita é aumentar as verbas para o ensino oficial, intensificando o

NOVOS RUMOS

Forma e apresentação

Para um documento de caráter programático e para uma ampla discussão, como são as teses em apreço, a forma, isto é, a redação e a apresentação, deve ter uma importância muito grande. Um documento destinado a ser instrumento de luta para as massas não só às massas comunistas, mas para o povo em geral, deve e pode ser apresentado, sem prejuízo de seu conteúdo essencial, de forma mais acessível e de fácil manuseio, mais sintético e conciso, sem muitas repetições, que o tornam muito longo e «espichado», sem excesso de divisões e subdivisões, que lhe tirem o caráter de conjunto e de unidade.

Fazemos essa observação baseada na prática, nas manifestações que sentimos em contato com as pessoas que debateram conosco o documento. Além de repetições desnecessárias, há nele uma grande dispersão de conceitos e formulações erradas que dificultam, para as pessoas menos desenvolvidas ideologicamente e politicamente, a formação de uma opinião de conjunto.

Outra questão sobre as teses e seu conjunto, embora elas se apoiem na realidade nacional presente, — o que já é um grande avanço em relação ao subjetivismo que dominava nossas posições passadas —, parece-nos que pecam, dialeticamente falando, por considerarmos esta realidade parada, isto é, não levamos muito em conta o desenvolvimento e o devenir desta realidade. Em um documento para marxista, que servirá de programa para um Partido revolucionário, isto representa uma falha, falha que fará com que os nossos documentos caduquem depressa e nos obriguem, na prática, a fazer constantes retificações, como vimos de fato fazendo. Como exemplo citamos a análise feita do problema agrário que não só não leva em conta as grandes transformações que vem modificando rapidamente as próprias relações de produção como o fato de basear esta análise em estatísticas de 1950.

Situação internacional

Embora seja verdade que a correlação de forças esteja se tornando cada vez mais favorável ao campo da PAZ e do SOCIALISMO, é exagerado e otimista demais acreditarmos que o imperialismo já entrou em sua fase de desagregação. O quadro róseo pintado sob a influência da distensão havida com a troca de visitas entre governantes ocidentais e socialistas já se encontra modificado e borrado de manchas negras com os últimos acontecimentos. Devemos levar em conta que o imperialismo ainda manobra e procura responder a cada vitória do campo socialista com golpes de provocação, golpes para a manutenção da PAZ, de modo que a contradição entre o socialismo e o imperialismo se desenvolva e se resolva através de ondas de fluxo e refluxo com saltos, é certo, cada vez mais favoráveis ao Socialismo, para a PAZ e para a democracia. No quadro deste desenvolvimento da luta e dentro das manobras e dos contragolpes do imperialismo, um fato deve ser assinalado. A velha burguesia dos países colonialistas, em que pese as contradições existentes e naturais, procura reconciliar-se com a nova burguesia das suas ex-colônias e por todos os meios atrai-las para o campo do anti-socialismo e inclusive associar-se com as mesmas para a exploração dos outros povos que ainda não efetivaram ou não concluíram a sua libertação do sistema colonial. Assinalamos, como fatos concretos em apoio a esta tese, a posição da burguesia em países como a Tunísia, Marrocos e o Egito que não só deixou de colaborar com o movimento de libertação dos demais países árabes, como também tomam medidas discriminatórias, internas e externas, para quebrar a unidade deste movimento, tendo como centro de suas preocupações a criação de um mercado regional em que possam expandir-se, dar saída a seus produtos industriais e garantir uma reserva de matéria-prima barata. Assim é também a posição da burguesia na Índia, com Nehru à frente, e que procura afastar-se da unidade afro-asiática, forjada na conferência de Bandung.

Na América Latina, embora seja justo o que as teses afirmam no seu item 7, ainda não se atingiu o grau de unidade, na luta contra o imperialismo Norte-americano, alcançada na Ásia e na África. E não só existem manobras e tendências de conciliação como também de associação da burguesia dos países mais avançados do continente, Brasil e Argentina, particularmente, com o imperialismo na exploração dos povos dos outros países menores. E o caso dos ACORDOS DE ROBORE, da posição do Brasil e da Argentina em relação à ditadura de Stroessner no Paraguai, etc. A própria OPA se situa dentro deste espírito não só de conciliação como também de associação conspirativa. De modo que, neste capítulo, as teses pecam por omissão, não aprofundando o estudo e a análise destes problemas, abrindo perspectivas para maior solidariedade entre os nossos povos e a estruturação de um movimento unitário de emancipação de todos os povos da América Latina, uma espécie de BANDUNG Latino-Americano, que defina claramente os princípios das relações entre estes países.

Sobre as etapas

Admitimos, como as teses admitem, que a HUMANIDADE passa por uma fase de transição — do Capitalismo para o Socialismo —: que a luta dos povos subdesenvolvidos por sua emancipação econômica e política faz parte da luta pelo Socialismo; que nessa luta a contradição entre o proletariado e a burguesia, entre o trabalho e o capital, toma um caráter internacional. Por isto mesmo a luta contra o imperialismo, pela paz e pela democracia tem um caráter fundamental, o que justifica a linha essencial desenvolvida pelas teses, tendo em conta as peculiaridades do nosso país. Entretanto, nem por isso devemos admitir, como dá a entender o documento, a divisão da revolução brasileira em etapas estanques, com um compasso de espera entre a revolução democrático-nacionalista e a passagem para o Socialismo depois de completada esta fase. O modo como se desenvolve o Capitalismo em nosso país, com a nossa classe operária crescendo e se desenvolvendo, adquirindo um peso específico cada vez maior em relação ao seu antagonista dentro de uma realidade internacional em que o socialismo vai se tornando cada vez maior e a única esperança para os povos. Aos, para todos os homens e mulheres

JORGE KARAM (Paraná)

Algumas Observações Sobre as Teses

que aspiram a uma vida de PAZ, de democracia e de liberdade, tudo isto possibilita uma transição gradual e pacífica para a nova forma de vida, para uma nova estrutura, a única possível e desejada, o SOCIALISMO.

O caminho e o poder

Já que admitimos a possibilidade de uma transição gradual para uma economia socialista, devemos admitir, também, a possibilidade de um caminho, mais ou menos, pacífico para o Poder, variando as formas de luta, de acordo com alguns fatores, estes mesmos em variação constante. Estes fatores são: — a situação internacional que, estamos vendo na prática como influi na

MOLA

As Teses e a Questão Agrária

Um estudo completo da questão agrária no Brasil é problema difícil para os que o tentarem. Nos 8 1/2 milhões de quilômetros quadrados se processam as culturas agrícolas mais variadas e diferentes, desde as de tipo europeu, no sul e centro sul, até as de produtos subtropicais e tropicais. Se na Europa, tomarmos por exemplo a Itália, Espanha, França, Grécia e Dinamarca, veremos que as culturas e estrutura das explorações agrícolas e também as categorias sociais do campo, são muito mais comuns e semelhantes no conjunto de tais países, do que as do sul do Brasil em relação ao Pará, Amazonas e outros estados do norte. Entretanto, nessa diversidade de formas que vão do mais primitivo ao mais moderno sistema de produção; nós, os comunistas e todos os que desejamos a libertação do país, devemos estar a fundo, o que há de velho e está mudando e o que está saindo de novo, como é que se vem processando essa transição em todo o imenso território interior, nalguns lugares adiantado, noutros atrasados, mas riquíssimo, ou que vive e trabalha com características as mais interessantes, a maioria de nosso povo. E aí, nos latifúndios, nas fazendas, nas estâncias de gado, nas zonas coloniais e nas pequenas propriedades que estão sobretudo os aliados naturais do proletariado urbano, para todas suas lutas.

Sem discordar das Teses, que aceitam o monopólio da terra como uma das causas fundamentais que entravam o crescimento industrial, pela restrição do mercado de consumo interior, acho entretanto que se enoca muito as formas semifeudais de exploração nos latifúndios e se deixam apagadas as formas de exploração capitalista na agricultura. E mais, quase não aparece nas Teses a pequena e média propriedade, já muito numerosa, particularmente nas zonas coloniais e em torno das cidades de todos os estados da união: colonização Alemã, Suíça, Polonesa, Italiana, Holandesa, Japonesa, etc.

Na tese II se diz: «O Brasil figura entre os países de maior concentração latifundiária do mundo inteiro: em 1950, os estabelecimentos agrícolas com 500 hectares e mais constituíam 3,4% do número total de estabelecimentos e abrangiam 62,3% de toda a área ocupada. Este monopólio da terra, tem como contrapartida inevitável uma massa intensa de camponeses sem terra, para cerca de 11 milhões de pessoas ativas na agricultura em 1950, havia apenas 2.065.000 estabelecimentos agrícolas dos quais 22,2% possuíam área inferior a 5 hectares. Isso que já está é exato. São as estatísticas que falham. Mas, se as submetermos a um exame crítico, elas podem dar-nos outras indicações.

Se diz que os estabelecimentos de 500 hectares e mais, sendo só 3,4% do total têm mais de metade da área ocupada; o que não quer dizer que seja cultivada. E o que nos interessa neste caso é a área cultivada, que ocupa trabalho. Se esses mesmos números da estatística, nos dessem as propriedades por seu valor e pela força do trabalho que ocupam, veríamos que quase todas (não todas) as fazendas (excetuadas as estâncias de gado e as pequenas e médias propriedades) do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Estado do Rio, sul de Minas e sul da Bahia, são explorações de tipo capitalista ou quase isso; mesmo quando, em muitas, ao lado da exploração organizada, tem grandes áreas improveladas.

Em muitas corre paralelo o trabalho com máquinas, adubos, inseticidas e fungicidas e condições de trabalho atrasadas, e até com resabios feudais. Essas explorações de tipo capitalista ou em caminho disso, são segundo entendendo, as de maior valor na massa agrícola. Mesmo porque há bastante diferença entre as propriedades de tipo feudal pré-capitalista e as fazendas do sul e centro sul do país. O feudalismo clássico no campo, se

nossa política interna. O grau de unidade e de consciência política da classe operária, que dia a dia se eleva; a existência de um partido comunista com capacidade real de direção do movimento, unido coeso e portanto respeitado, o que também penso estarmos em processo de alcançar, já contribuindo muito para isso o debate franco e leal de todas as questões como vem acontecendo; e finalmente, a posição da burguesia nacional e da raça estrangeira, que sofre a influência dos primeiros fatores.

Falar em PODER DAS FORÇAS ANTIIMPERIALISTAS e ANTI-FEUDAIS, como falam as teses e em governo de coligação nacionalista e democrático implica em admitir a participação deles, senão exigir, da classe operária, através de seus representantes credenciados e consequentes. E isto é perfeitamente possível dentro do caminho preconizado, utilizando e aperfeiçoando os dispositivos constitucionais vigentes. Por exemplo a classe operária pode passar a dirigir, com exclusividade, e não só participar, através de representantes como preconizam as teses, da direção de todos os organismos de previdência social; poderá participar igualmente na gestão das empresas estatais com representantes livremente indicados por organismos de classe; para isto é necessário antes de mais nada eliminar toda e qualquer influência governamental nestes últimos; ou mesmo chegar, como é possível, a participação efetiva e ponderável da classe operária no Mi-

nistério do Trabalho e outros ministérios. Aliás a própria burguesia, sentindo a força política que o proletariado vem acumulando, já de muito tempo, mesmo quando ainda pensava em sufocá-lo pela violência, procurava dar aos trabalhadores a ilusão de que estavam participando do poder, através dos representantes do P.T.B., os quais, sabemos o que são e como são, e embora muitos deles sejam homens honestos e com convicções socialistas, não deixam nunca de ser vacilantes e inconseqüentes, traído ao primeiro canto do galo, os seus representantes.

Outra questão que não podemos deixar de abordar e que, nos parece, apesar de sua grande importância, ficou omissa tanto nas teses como nos debates. É a questão da forma deste governo por que lutamos: — Presidencialismo ou Parlamentarismo? No Programa do IV Congresso admitia-se a permanência da forma presidencial, argumentando com a tradição brasileira, o que, a nosso ver, é ético e frontalmente antidialético. Pensamos que a forma parlamentar é a que mais se coaduna e harmoniza com o caminho de transição pacífica. E' um problema que deve ser debatido com mais profundidade para o que nos falece tempo e conhecimento.

Desenvolvimento capitalista e Caminho Pacífico

Estas duas questões, apaixonantes, que deram lugar, e ainda dão, a muita

discussão e controvérsia, dentro e fora da «Tribuna», não podiam deixar de ser abordadas. Não pretendemos, nem podemos, esgotá-las. Entretanto cabe-nos dar uma opinião, um voto, a ser contado apenas.

Inicialmente, não vemos porque companheiros perderam tanto tempo em longas discussões e especulações teóricas, uns para afirmar e outros para refutar um fato real que se desenrola às nossas vistas. O Capitalismo se desenvolve em nosso país, anárquica e desigualmente, dando lugar a corridias e grandes disputas de renda, isto é, da mais-valia, entre os vários grupos de toda a burguesia brasileira e entre esta última e os grupos estrangeiros. O que se expressa, como afirmam as teses, pelo acúmulo de todas as contradições, internas e externas, manifestando-se particularmente e no momento atual, pela disputa dos cargos políticos e postos do poder, eleitorais ou não. E que este desenvolvimento, apesar de tudo tenha um caráter progressista e desempenhe uma «missão» histórica e transitória, cremos também, não resta nenhuma dúvida. E a propósito não podemos deixar de apelar para o nosso mestre LENIN que exatamente sobre a «Missão» do Capitalismo na Rússia, diz textualmente o seguinte: — «Admirável o caráter progressista deste papel é perfeitamente compatível com a admisão absoluta dos lados negativos e sombrios do Capitalismo, com a admisão absoluta das vastas e profundas contradições sociais inerentes ao mesmo e que revelam a caráter histó-

camente transitório deste regime econômico». Diz mais «São precisamente os populistas que se empenham em todas as suas forças para fazer crer que, admitir o caráter historicamente progressista do Capitalismo, é fazer a sua apologia» (Em o Desenvolvimento Capitalista na Rússia, Pg. 681-82, Ed. Russa em francês). O que é preciso determinar, são as peculiaridades que tem este desenvolvimento nas condições de nosso país e do Mundo atual quando já existe um sistema socialista disputando com vantagens reais com o caduco sistema capitalista.

Que destino terá? Entre as duas classes que vai gerando, proletariado e burguesia, qual a que tem mais força e peso específico, sob a ação das duas influências em disputa? E' isto o que nos devemos analisar e tirar as conclusões para traçar a nossa linha tática e o nosso caminho.

Sobre o fato se este será pacífico ou não, depende naturalmente das conclusões tiradas da primeira questão, que infelizmente não podemos sequer abordar, dados os limites de tempo e de espaço que nos são impostos. Entretanto, admitindo que a violência, em último caso, não depende de nós e sim das classes que resistem em abandonar o poder; e que estas hoje não têm a capacidade, nem a disposição, de enfrentar uma luta interna, torna-se viável e possível o caminho pacífico, desde que possamos atuar de forma justa entre as massas trabalhadoras e demais camadas da população, que sofrem mais do que nunca as consequências das contradições deste desenvolvimento.

Como conclusão, queremos dizer que as teses servem perfeitamente para delas tirarmos um roteiro que servirá de instrumento de luta para o nosso progresso, para a PAZ e para a democracia. Para isto é necessário, como inicialmente dissemos, tornar mais claras certas questões, formulá-las em linguagem mais acessível, concisa e sintética; esculmá-las dos excessos que ora tendem para direita e ora para a esquerda. E os debates apesar dos exageros, dão uma grande contribuição para isto, desde que se analisem com espírito crítico e construtivo.

Jorge Karam
Paraná, Julho de 1960

ram nos outros países capitalistas. E' necessário pôr uma barreira aos baraqueiros dos mercados, intermediários, açambarcadores etc.

Nossa gente e os nacionalistas em geral deveriam pugnar por uma lei que impeça o abuso dos preços de venda sobre os de compra estipulando uma percentagem de lucro sobre o que foi pago ao produtor.

Atualmente os preços, no nosso caso, são majorados de 7 a 8 vezes e mais, por produtos. Também, o governo por intermédio da Comissão de Abastecimento poderia mandar compradores a preços honestos e equitativos e beneficiaria os consumidores.

O central ainda assim, é organizar bases, pequenos e médios produtores do campo em associações, cooperativas, etc. Se houver organização o abuso dos intermediários acabará.

Mas, quem iniciará essas associações? Eis a questão. Os fazendeiros e pecuaristas, os donos da produção leiteira, já se organizaram infelizmente, para escoarhar o povo consumidor sem a menor piedade. Porém, o camponês é vinho de outra pipa e lhe falta, além unidade e capacidade até agora, para organizar-se. Em todas as partes do mundo, foram seus aliados, os partidos operários ou os Sindicatos quem os iniciou nessa organização; assim foi na Itália, França, Espanha de antes do fascismo e até na antiga Rússia. Essa tarefa é a de organizar também os assalariados agrícolas, deve ser assumida com firmeza por nosso Partido. Propomos isso também aos Sindicatos e ao movimento nacionalista.

Finalmente, penso também que no nosso Partido, os Sindicatos e o movimento nacionalista, devem iniciar através da campanha pré-Lott-Jango, uma propaganda que depois deverá transformar-se em lei, para que a massa trabalhadora do campo, os pequenos e médios lavradores, arrendatários, posseiros as-

ANTONIO DOS SANTOS

Defendendo as Teses

E' com grande alegria que, através de «Novos Rumos», venho acompanhando os debates democráticos e livres. Sobre as Teses, eu como comunista, tenho o direito e o dever de dar a minha opinião sobre um documento tão importante.

Li as Teses com toda atenção e respeito, e a meu ver, elas aprovadas e levadas à prática, nos levarão ao caminho do sentimento de libertar o nosso povo da exploração do imperialismo americano. Sim camaradas, porque elas são um guia para a ação dos comunistas brasileiros e, ao mesmo tempo, elas rompem com aquela velha linha esquerdista que tantos males causou ao Partido e da qual eu também sou responsável.

Foi justamente na Declaração de março, de 1958, que os comunistas começaram a atuar junto às massas, de um modo criador e justo, embora ainda com algumas falhas do velho esquerdismo. Ligaram-se às massas e o resultado foi a luta da classe operária pelas suas reivindicações mais sentidas e os Congressos Estaduais, já realizados, e agora marchando para realizar o Congresso Nacional. Deste modo marcha a classe operária brasileira para a sua unidade de ação, da qual, dará um grande impulso no movimento de emancipação nacional.

Outro fato novo que comprova a justiça das Teses, é a atuação legal dos comunistas na atual campanha eleitoral. Unidos com outras forças estão eles, contribuindo para levar a vitória a 3

salariados agrícolas, enfim, todos os que trabalham no campo, tenham ou não seguro social de doença, pensão de velhice, médico e farmácia, etc. Até agora o camponês é o pária esquecido; o médico do interior é o crezador e a farmácia o chá de ervas do mato. Quando se tem dor de dentes, mastiga-se a raiz de uma planta de nome joabranço. Quem poderia ir no médico ou dentista ou comprar na farmácia com os escassos recursos do camponês vítima de toda classe de parasitas? E' o atraso, proveniente da exploração e o roubo a que esta boa gente está submetida.

Para termos esse seguro social, que já existe para os operários das cidades, basta obter uma lei que fixe um pequeno imposto nas vendas dos produtos agrícolas 2 ou 3% por exemplo. Quem vai pagar somos nós os camponeses. Se agora, o comprador nos rouba 700 ou 800%, bem podemos pagar esse pequeno imposto para uma caixa governamental que nos ampare na doença e na velhice, que agradeça aos crezadores, mas, para com isso e os chás de mato.

Criar essas organizações de camponeses é conquistarmos o seguro social para as massas do campo; realizar a reforma agrária dando terra aos que necessitam, criar uma vida no meio camponês, acabar com o exodo para as cidades, que é a reserva de mão-de-obra barata. Os industriais não têm essa reserva, terão de pagar maiores salários e para apropriar-se de mais-valia relativa, terão de modernizar seus maquinismos quasi absolutos, dando progresso a indústria, sob a direção do proletariado, o campo é um manancial inesgotável de forças do movimento nacionalista para a libertação do país, abriu o caminho para o futuro socialista. Quando essa aliança, essa unidade de forças, dos trabalhadores urbanos e do campo for realizada, adeus gringos dos trustes e seus agentes, adeus atraso, o Brasil será também um jardim do mundo socialista.

MOLA

de outubro, os candidatos nacionalistas, da qual deve ser a nossa tarefa primordial no momento. A meu ver tudo devemos fazer para esclarecer o nosso povo, para que não seja enganado pela demagogia dos candidatos entreguistas e elegermos os candidatos nacionalistas. Acho que atuando desse modo, os comunistas estarão contribuindo para organizar e reforçar as amplas forças antiimperialistas, que no momento isto é fundamental.

Sobre a frente única, acho que o caminho traçado pelas Teses, é justa, porque para podermos unir todas as camadas do povo, precisamos analisar os seus interesses e contradições e termos uma linha flexível para ganhar aliados e não para perdê-los.

Para isso temos que ter muita paciência, e não a pressa pequena burguesa. E' por isso que a meu ver os camaradas Grabois e Pomar com os seus alongados artigos, na tribuna de debates, não têm contribuído para melhorar as Teses; ao contrário, estes camaradas, estão fazendo confusão, pois eles estão agarrados ao velho esquerdismo e para se curarem dessa doença, a meu ver devem se ligar as massas, agora, em plena campanha eleitoral, aproveitando o seu prestígio, para contribuir na eleição dos candidatos nacionalistas, o Marcel Teixeira Lott e João Gotardi. Assim fazendo, estarão se autolimitando dos erros do passado e do presente.

Antonio dos Santos
São Paulo, 20-7-60

Tribuna de Debate

RENATO OLIVEIRA DA MOTTA (Est. da Guanabara)

A Marcha Histórica do Partido e Outras Questões

1) Devemos reconhecer que as Teses... em discussão constituem mais um esforço do CC no sentido de traçar uma justa linha política para o Partido...

O documento já por extensão, pelas repetições desnecessárias e falta de unidade... para a maioria do Partido lê-lo, estudá-lo. Apesar disso, a discussão nas assembleias e conferências tem sido das mais entusiasmadas e dentro dos temas em discussão...

Apesar dessas posições acertadas, tínhamos curso na direção do Partido e impregnamos sua orientação política tendências direitistas. O Partido — continua a Tese 48 — não tinha clareza sobre os objetivos programáticos...

Nos dias de hoje — prossegue — é necessário ter muita cautela contra os insuladores da greve a todo o custo, que visam criar um ambiente de confusão e violência...

De nada nos valeu esta posição conciliadora que levava os comunistas a se desligarem das massas. Nestas condições, o Partido não conseguiu enfrentar com êxito os ataques reacionários desencadeados a partir de 1947 e 1948...

Quando a direção do Partido, em face das derrotas sucessivas, decidiu empreender um reexame de nossa orientação política, a influência das concepções subjetivistas e de tendências setoriais tradicionais...

na setorial e esquerdista. As massas cujas condições de vida eram tão difíceis e que, às vezes, espontaneamente eram levadas a atos de desespero — como assinalava o camarada Amazonas — e que eram contidas por nós...

2 — O manifesto de agosto era a radicalização das nossas posições esquerdistas, constituía a formulação mais nítida da nossa linha política 'esquerdista' e setorial. (Tese 50). Negativa o que a vida empurrava pelos olhos a dentro...

3 — O processo das nossas atividades em todo este período teria de exercer influência das mais importantes, na retificação da nossa linha política, as delegações que, anualmente, saíam do Brasil...

4 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB...

5 — A perda de perspectiva quanto aos rumos do desenvolvimento histórico no Brasil nos levou, inicialmente, a medidas de organização correspondente a um período posterior de defesa do Partido against aquelas posturas por Partidos inimigos na época da ocupação nazista...

6 — As nossas concepções subjetivas levavam-nos a idealizar o caminho da revolução brasileira e víamos o Partido como uma organização que se basta a si mesmo. (Tese 51).

7 — Quando Getúlio Vargas candidatou-se, em 1950, ele reconheceu que a situação dos trabalhadores era difícil e levanteu a bandeira de luta pela rebaixada dos preços...

8 — Quando o Partido se reuniu em 1950, em plena situação de crise, o Partido decidiu a favor da linha política de conciliação adotada pelo Comitê Nacional, em 1949, em relação ao Partido Comunista brasileiro...

9 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

10 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

ocupação nazista. Isto contribuiu para uma certa desagração das nossas fileiras e para transformar o nosso Partido numa organização setorial, dedicada às massas. Não dispunhamos do número de quadros necessários para manter atuantes unidades múltiplas...

11 — A luta de salerem — o que fazer e para onde ir — com clareza, levou milhares de camaradas à passividade. O manifesto de janeiro agravou a situação, porquanto exigia lutas altas e vigorosas...

12 — A correção dos deslizes na organização do Partido já não pode mais abrigar contradições desgarradas. Os métodos de direção excessivamente centralizados e impositivos...

13 — Quando o Partido se reuniu em 1950, em plena situação de crise, o Partido decidiu a favor da linha política de conciliação adotada pelo Comitê Nacional, em 1949, em relação ao Partido Comunista brasileiro...

14 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

15 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

16 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

17 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

18 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

19 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

20 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

21 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

22 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

23 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

24 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

25 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

26 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

27 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

28 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

29 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

30 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

31 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

32 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

33 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

34 — A luta pela revogação dos dispositivos reacionários da Consolidação das Leis do Trabalho, o que teria dado base legal para o funcionamento da CTB, como organização sindical nacional...

Cresce Como Cogumelos o Número Dos Que Estudam a Língua Russa

Reportagem de ZULEIKA ALAMBERT

O entusiasmo pelo estudo da língua russa atingiu o Brasil. Somente no Rio de Janeiro mais de mil pessoas já se dedicam ao estudo desse idioma. Quinze escolas, entre particulares e oficiais (estas em caráter extracurricular), funcionam em diversos pontos do país. Salvador, S. Paulo, B. Horizonte, Recife, Niterói, Juiz de Fora e Rio de Janeiro estão entre as cidades que já contam com cursos instalados ou em processo de organização.

Interesse mundial

O fenômeno não é local. O interesse pelo estudo da língua russa aumentou muito nos últimos anos, ocupando, atualmente, por sua difusão, o terceiro lugar no mundo, depois do chinês e do inglês. O lançamento do primeiro sputnik muito concorreu para isso quando revelou ao mundo a capacidade técnica e científica da URSS. Os EE. UU. são o melhor exemplo desse interesse. O idioma russo era ali ensinado apenas em 16 escolas secundárias. Hoje o é em 400.000, enquanto 17 estações de televisão revelam os segredos da língua de Puskin a milhares de telespectadores.

Cresce como os cogumelos

«No Est. da Guanabara o número de alunos cresce nas aulas como os cogumelos, disse-nos a professora Lúcia Prestes, uma das mais ocupadas do Rio. Eles provêm de todas as camadas sociais e setores profissionais», acrescenta a secretária da Faculdade de Serviço Social do Rio de Janeiro, franqueando a repórter a lista de matriculados.

Já são, pois, numerosos os estabelecimentos de ensino que lutam com dificuldades para selecionar e organizar as turmas, dado o número de alunos e a sua heterogeneidade. Na curso anexo ao Instituto Brasil-URSS já estão inscritos 50 alunos, divididos em 5 turmas. Na Faculdade de Ciências Sociais do Rio de Janeiro mais de 48, em 3 turmas. Na Escola de Tradutores José Irineu de Souza cerca de 270, em 5 turmas, e assim por diante numa média

nunca inferior a 40. O maior número de alunos é de médicos, seguindo-se os professores e químicos.

Escolas em Funcionamento

Atendem às pessoas interessadas em aprender o russo as seguintes estabelecimentos de ensino: Escola de Ciências Políticas e Sociais da Universidade Católica, Curso da língua russa anexo ao Instituto Brasil-URSS, Escola de Tradutores José Irineu de Souza, Associação Cristã de Moços, Faculdade de Serviço Social do Rio de Janeiro, Seção Científica do Clube Naval (está em fase de matrículas). A Faculdade Nacional de Filosofia pretende instalar seu curso no segundo semestre deste ano. A Escola de Tradutores é a única que vem adotando o sistema de filiais, já tendo 4 instaladas: em Botafogo, Copacabana, Niterói e Juiz de Fora. Entre os Estados, S. Paulo aparece em primeiro lugar, com os cursos dados pelo Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia da Universidade de S. Paulo (um curso de férias de 3 meses e 8 turmas que regularmente recebem noções da língua russa). Segundo anunciou a imprensa paulista o sr. Fred Lane, presidente do referido Centro, já se encontra em estudo o projeto de introduzir o ensino desse idioma na escola, dependendo a sua oficialização apenas dos resultados que forem obtidos pelos educadores.

Caráter experimental

Segundo a opinião de alunos, professores e diretores dos cursos, a principal característica do ensino da língua russa entre nós é o seu caráter experimental, quer na organização dos cursos (seleção de turmas, escolha de professores, estabelecimento de horários etc.) quer na escolha do método de ensino mais adequado. Num e noutro sentido as formas utilizadas são múltiplas. Na Faculdade de Ciências Sociais do Rio de Janeiro estão em funcionamento cursos de dois tipos: regular, com duas aulas semanais, e informativo com uma aula por semana.

Neste último (em caráter temporário) os professores satisfazem a curiosidade dos alunos sobre o idioma (origem, transformações, dificuldades gramaticais, etc.). No curso do Instituto Brasil-URSS, além da assistência às aulas, onde ao lado dos manuais utilizam-se os discos e as cartolinas com letras e desenhos coloridos, já existe o projeto de inaugurar um curso por correspondência a exemplo dos que existem na França.

Dificuldades a vencer

O professor C. S. Bustamante, tradutor juramentado do idioma e diretor do curso de russo, anexo ao Instituto Brasil-URSS, referindo-se às dificuldades no ensino daquela língua, disse-nos.

— «Ainda não dispomos de um método perfeitamente adaptado ao ensino da língua russa em nosso país tendo por base as peculiaridades de nossa língua. O problema do ensino da língua russa aos não-russos suscitou, mesmo na URSS, sérios trabalhos de pesquisas e de elaboração didática. Essa é uma experiência que devemos considerar».

D. Rachuel Feingold, ucraniana que já lecionou na Escola de Tradutores e tem grande experiência como professora, queixou-se do pequeno número de livros didáticos existentes no mercado.

— «As aulas precisam ser trabalhosamente elaboradas pelos professores», disse-nos ela. A falta de professores categorizados, a diversidade de caracteres, o que dificulta a impressão no país de textos russos — eis outras dificuldades e que se referiram alunos e professores.

Textos mais usados

Assimil é um dos métodos preferidos pelos alunos, e por isso mesmo é o adotado nas principais escolas. A gramática de Maria Dolenga é considerada por alguns «muito pesada». Atualmente começam a ser vendidos, embora ainda em pequeno número, os

manuais de Nina Polapova que é também muito utilizado no Instituto Brasil-URSS. Na Escola de Tradutores, além dos outros textos encontramos os alunos muito entusiasmados com o Guia de conversação russo-português, editado na URSS.

Razão do entusiasmo

Por que o aprendizado do russo desperta tanto interesse entre nós, atualmente? — perguntamos ao diretor da Escola de Tradutores, professor Luiz de Barros. A resposta sincera vem rápida: «Uns vêm por mera curiosidade, outros por interesses profissionais, mas a grande maioria porque compreendeu que o idioma russo se converteu num idioma universal, principalmente porque a humanidade se enriquece cada dia mais com os frutos da grande revolução cultural operada na URSS».



Lúcia Prestes mestra de dois mundos

A professora Lúcia Prestes forma com D. Rachel a dupla de mestras da língua russa mais procurada pelos alunos cariocas. Lúcia é o que se pode chamar professora de dois mundos, pois ensinou português para os russos



Nem só de estudar vive o homem

Os alunos dos cursos de russo vez por outra se encontram, fora do horário das aulas, para praticar conversação, um dos melhores métodos de penetrar nos mistérios de uma língua estrangeira. Em muitas dessas ocasiões, aproveitam os conhecimentos culinários de um deles para, conversando naquele idioma, saborear os quitutes da terra soviética

NOVOS RUMOS



D. Rachel sabe russo e até a gíria carioca

A medida que os sputniks iam ganhando o espaço, visitando a lua e namorando as estrelas, crescia o interesse e o entusiasmo pelo estudo da língua russa. E foi aí que apareceu D. Rachel, ucraniana, e muito familiarizada com a língua portuguesa. D. Rachel, que é senhora até mesmo da gíria carioca, ensina o idioma russo em várias escolas, e é muito querida pelos seus alunos



O bê-a-bá do russo

Os caracteres diferentes do idioma russo obrigam a que seu estudo comece da mesma forma que o aprendizado infantil de qualquer língua, pois os adultos são obrigados, antes de tudo, a conhecer as letras que irão pronunciar e escrever. A foto nos apresenta um grupo de alunos entrando em contacto com o alfabetário do idioma de Pushkin